

## **PROPOSTA DE PAZ 2021**

Por Dr. Daisaku Ikeda, presidente da Soka Gakkai Internacional

# **CRIAÇÃO DE VALOR EM TEMPOS DE CRISE**

Alusivo ao 46º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2021





**DAISAKU IKEDA** nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928.

Formado pela Escola Superior Fuji, na área de economia, é atualmente presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma das maiores organizações não governamentais (ONG) das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de membros em 192 países e territórios.

Fundou várias instituições educacionais e culturais, como as Escolas Soka (da educação infantil ao ensino superior), a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Arte Fuji de Tóquio.

Pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de 32 idiomas, é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1993, ocupando a cadeira de nº 14.

Ikeda acredita que um movimento popular centralizado nas Nações Unidas é a chave para transformar o mundo, onde imperam a desunião e a hostilidade, num lugar de coexistência pacífica. Por isso, apresenta anualmente, no dia 26 de janeiro, aniversário de fundação da SGI, sua proposta de paz à Organização das Nações Unidas (ONU) e ao mundo.

A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).



# Carta da Soka Gakkai Internacional

## Preâmbulo

**NÓS**, organizações constituintes da Soka Gakkai Internacional (SGI), abraçamos o objetivo fundamental e a missão de contribuir para a paz, a cultura e a educação, com base na filosofia e nos ideais do Budismo de Nichiren Daishonin.

Reconhecemos que, em nenhuma outra época da história, a humanidade testemunhou tamanha justaposição de guerra e paz, discriminação e igualdade, pobreza e fartura, como no século 20. O desenvolvimento da tecnologia militar cada vez mais sofisticada e exemplificada pelas armas nucleares, criou uma situação em que a própria sobrevivência da espécie humana foi posta em risco. A realidade da violenta discriminação étnica e religiosa tem se apresentado num interminável ciclo de conflito. Se não bastasse, o egoísmo e a negligência do homem causaram, e continuam causando, problemas mundiais, como a degradação do meio ambiente. Também observamos que os abismos econômicos criados se intensificam entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, com sérias repercussões para o futuro coletivo da humanidade.

Acreditamos que o Budismo de Nichiren Daishonin, filosofia humanística de infinito respeito pela dignidade da vida e de benevolência que abrange tudo, capacita os indivíduos a cultivar a sabedoria e a criatividade do espírito humano para vencer as dificuldades e as crises que a humanidade enfrenta. Tal capacitação faz surgir uma sociedade de coexistência próspera e pacífica.

Nós, organizações constituintes e membros da SGI, nos determinamos a hastear bem alto a bandeira da cidadania mundial, do espírito de tolerância e do respeito aos direitos humanos. Embasados no humanismo budista, no diálogo, nos esforços práticos e no firme compromisso com a não violência, dispomo-nos a desafiar as questões mun-

diais. Assim, adotamos esta Carta para ratificar os seguintes propósitos:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura, visando à felicidade e ao bem-estar de toda a humanidade, inspirada no respeito budista à dignidade da vida.
2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.
3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de crença e de expressão religiosa.
4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo de Nichiren Daishonin por meio de intercâmbios, contribuindo, dessa forma, para a concretização da felicidade individual.
5. A SGI, por intermédio das organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuir para a prosperidade de suas respectivas sociedades, como bons cidadãos.
6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes, de acordo com as condições predominantes em cada país.
7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, promoverá diálogos e atuará, em parceria, para a solução de questões fundamentais da humanidade.
8. A SGI respeitará a diversidade cultural e realizará intercâmbios culturais para criar uma sociedade internacional de cooperação e de compreensão mútua.
9. A SGI visará, com base no ideal budista de simbiose, à proteção da natureza e do meio ambiente.
10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, da busca da verdade e também do desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a aprimorar o caráter e desfrutar uma vida plena e feliz.

# CRIAÇÃO DE VALOR EM TEMPOS DE CRISE

Dr. Daisaku Ikeda,  
presidente da Soka Gakkai Internacional

Alusivo ao 46º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2021

**Revisão:** Cícero Sandroni

**Tradução:** Mariana Travieso Bassi

**Colaboração:** Edson Cruz

Atualmente, o mundo enfrenta um complexo conjunto de angustiantes crises sem precedentes na história da humanidade. O aumento da crescente incidência anual de eventos climáticos extremos reflete o agravamento das mudanças climáticas; o ataque violento da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) ameaça a estabilidade social e econômica de todo o mundo.

Uso o termo “sem precedentes” não apenas em referência ao entrelaçamento dos vários níveis sobrepostos da crise que vivemos hoje. A humanidade enfrentou graves desafios ao longo de sua extensa história, mas jamais passou por situação na qual o impacto se estendesse ao planeta inteiro ao mesmo tempo — ameaçando, dessa forma, gravemente a vida, o sustento e a dignidade das pessoas de todos os países, deixando-as em condições nas quais necessitam de assistência urgente.

Em 25 de janeiro de 2021, o número de pessoas infectadas pela Covid-19 ultrapassou a casa de 99 milhões; destes, mais de 2,12 milhões faleceram.<sup>1</sup> Em pouco mais de um ano, o número de mortos excedeu em muito o total de vidas ceifadas por desastres naturais de larga escala nos últimos vinte anos.<sup>2</sup> A intensidade nunca antes vista do sofrimento daqueles que perderam entes queridos, vítimas do vírus, é inimaginável; dor esta apenas acentuada pelo fato de que, devido às medidas de prevenção da disseminação do vírus, muitas vítimas foram impedidas de passar os momentos finais com a família ao seu lado. Agravando ainda mais tal aflição, por ter tirado das pessoas a possibilidade da vivência do luto, o colapso das atividades econômicas levou a um aumento repentino das falências e do desemprego, arrastando um grande número de pessoas à pobreza e à miséria.

No entanto, mesmo com as nuvens sombrias da crise a envolver o mundo, os esforços para se criar uma sociedade global dedicada à paz e

### ERRADICAÇÃO DA PÓLIO EM REGIÕES AFRICANAS

A pólio (ou poliomielite) é uma doença viral infecciosa que pode causar paralisia permanente e ser fatal nos casos em que são afetados os músculos relacionados à respiração. Não possui cura, mas a vacinação é capaz de imunizar as pessoas durante toda a vida e, dessa forma, levar à erradicação da doença.

Em 2020, todos os 47 países da Região Africana da Organização Mundial da Saúde (OMS) foram declarados livres da pólio selvagem após quatro anos sem nenhum caso do vírus. Tal conquista só foi possível por conta de um programa de vacinação e supervisão liderado pela Iniciativa Global de Erradicação da Pólio, a maior iniciativa de saúde pública da história. Há, no entanto, o risco apresentado por variedades raras do vírus da pólio que sofreram mutações a partir do vírus enfraquecido presente na vacina oral. A pólio se mantém endêmica em dois países: Afeganistão e Paquistão.

aos “valores humanos” avançam. Exemplos de importantes progressos incluem a entrada em vigor do Tratado de Proibição de Armas Nucleares (TPAN), em 22 de janeiro deste ano; a ratificação universal de 187 Estados-membros da Organização Internacional do Trabalho (OIT) da convenção que torna ilegal as formas inaceitáveis do trabalho infantil; e a erradicação do vírus selvagem da poliomielite na África.



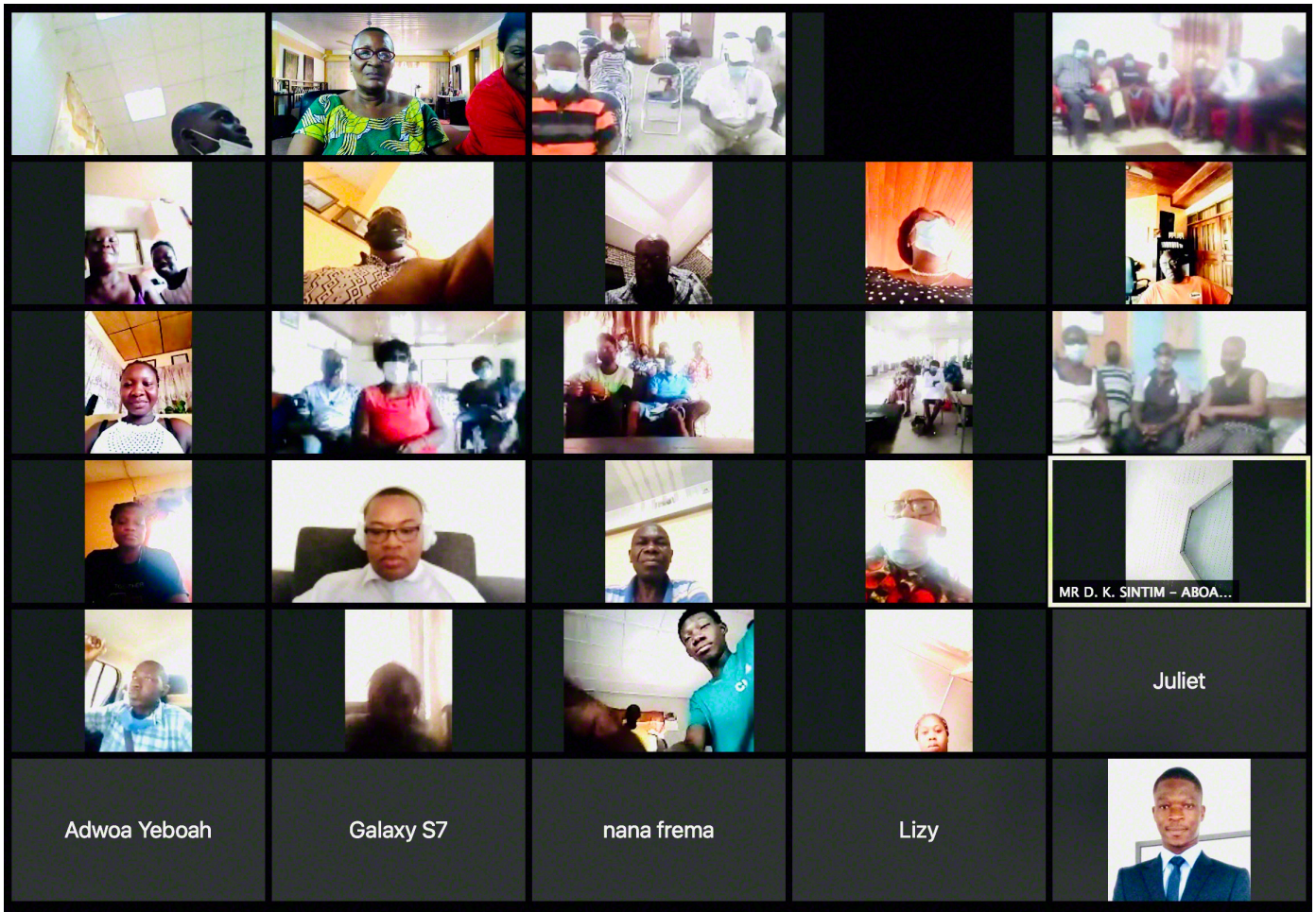
Josei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai, no dia da *Declaração pela Abolição das Armas Nucleares* (Kanagawa, Japão, set. 1957)

Cada uma dessas conquistas agrega grande valor à luta mundial pela concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030, ano limite definido pela Organização das Nações Unidas (ONU). Tais sucessos são expressões nítidas da ilimitada capacidade humana de superar obstáculos e de criar uma nova história. Assim podemos definir especialmente o TPAN, que preencheu as condições para entrar em vigor em 24 de outubro do ano passado, Dia das Nações Unidas. O tratado traça um caminho claro para a consecução do tão almejado objetivo de abolição das armas nucleares — questão esta abordada na ONU em 1946, um ano após a sua fundação, na primeira resolução adotada pela Assembleia Geral, e que até então estava pendente.

Em setembro de 1957, durante a acelerada corrida nuclear da Guerra Fria, Josei Toda (1900–1958), segundo presidente da Soka

Gakkai, lançou sua *Declaração pela Abolição das Armas Nucleares*. Inspirada por esse documento, nossa organização atuou em prol da completa proibição das armas nucleares e para que esta fosse uma diretriz a governar as relações internacionais. Para isso, a Soka Gakkai Internacional (SGI) colaborou ativamente com organizações como a Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares (Ican). À luz dessa história, a entrada em vigor do TPAN é, sem dúvida, motivo para comemorar.

Com o mundo ainda se recuperando dos impactos da pandemia, gostaria de examinar algumas abordagens que acredito serem necessárias para superarmos essa complexa crise, assim como oferecer algumas propostas no sentido de impulsionar concretamente o desafio da construção de uma sociedade global de paz e de “valores humanos” no século 21.



Curso de Aprimoramento para Líderes da SGI-Gana realizado virtualmente (jan. 2021)

### A determinação de nunca deixar para trás aqueles que enfrentam desafios

A primeira área temática que quero examinar é a determinação de nunca deixar para trás aqueles que estão lutando contra intensas adversidades e se encontram isolados, enquanto a percepção que temos da crise cada vez mais se normaliza.

Desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 como uma pandemia, em 11 de março do ano passado, o número de infectados e de mortes são presenças constantes nas notícias diárias. A fim de refletir sobre o significado real dessa estatística, atualizada de forma crescente em meio a uma disseminação aparentemente incessante da infecção, acredito que seria bom recordar as palavras da chanceler Angela

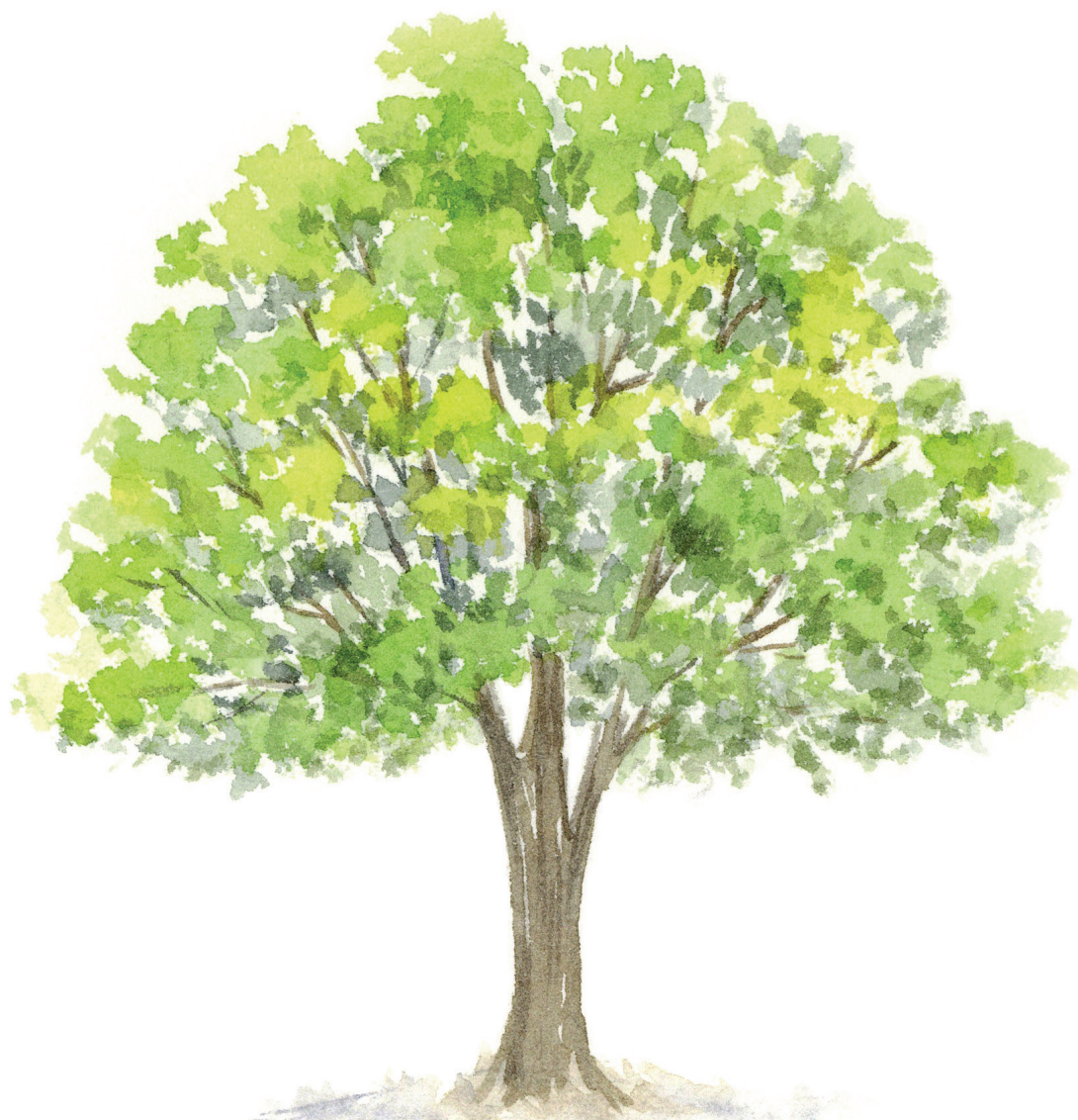
Merkel em seu discurso para o povo alemão uma semana após o anúncio da OMS: “Estes números não são estatísticas abstratas, são sobre pais ou avôs, mães ou avôs, parceiros — são sobre pessoas. Somos uma comunidade na qual cada vida e cada pessoa conta”.<sup>3</sup>

Quando enfrentamos uma emergência ou um desastre em larga escala, não podemos nos esquecer nem perder de vista essa perspectiva. Isso é ainda mais essencial nos dias de hoje, pois nos confrontamos com uma pandemia que continua a ameaçar o mundo inteiro e nos acostumamos cada vez mais com a crise.

Em sua prática budista diária, os membros da SGI ao redor do mundo continuam a oferecer sinceras orações para a completa erradicação da Covid-19 o mais rápido possível e pelo repouso dos falecidos.



“Desde setembro do ano passado, o Instituto Soka Amazônia, que me empenhei para fundar, vem plantando uma árvore para cada vítima da Covid-19 no Brasil como parte do projeto Memorial Vida. A iniciativa pretende honrar e reconhecer, com cada árvore plantada, aqueles com os quais compartilhamos a vida na grande terra brasileira — perpetuando sua memória e, ao mesmo tempo, contribuindo para o reflorestamento e a proteção da integridade ecológica da região amazônica”



E, no curso de nossas atividades, tomamos medidas de precaução rigorosas para evitar que a disseminação do vírus se amplie.

Desde setembro do ano passado, o Instituto Soka Amazônia, que me empenhei para fundar, vem plantando uma árvore para cada vítima da Covid-19 no Brasil como parte do projeto Memorial Vida.<sup>4</sup> A iniciativa pretende honrar e reconhecer, com cada árvore plantada, aqueles com os quais compartilhamos a vida na grande terra brasileira — perpetuando sua memória e, ao mesmo tempo, contribuindo para o reflorestamento e a proteção da integridade ecológica da região amazônica.

O luto coletivo pelos falecidos e o compromisso de viver de forma que o legado deixado por eles seja honrado sempre constituíram um alicerce da sociedade humana. Hoje, no contexto em que se torna cada vez mais difícil nos reunirmos em um local para homenagear aqueles que se foram, é ainda mais crucial que não percamos de vista o valor de cada indivíduo e nunca deixemos que a vida seja reduzida a mera estatística.

Em meio à crescente normalização da crise em nossa vida diária e à necessidade de cada um tomar certas medidas para se proteger contra o vírus, corremos o risco de negligenciar as dificuldades particulares enfrentadas pelas pessoas mais vulneráveis da sociedade.

Nos esforços para conter a pandemia, os países priorizaram o fortalecimento de seus sistemas de saúde, junto com a introdução de uma variedade de medidas que são por vezes descritas como representantes de um “novo normal”. Isso inclui práticas como o distanciamento social — manter uma distância física segura dos outros para se prevenir da exposição ao vírus —, o trabalho remoto e o aprendizado on-line, bem como permanecer dentro de casa o máximo possível. Essas medidas foram fundamentais para evitar a rápida disseminação da Covid-19 e reduzir a pressão aos sistemas de saúde.

De certa forma, o fato de um número maior de pessoas ter assumido uma atitude mais proativa, buscando inovar e se adaptar em resposta aos clamores para conter o alastramento da infecção, já é algo que supera a mera prevenção do risco. Essas inovações não apenas contribuem diretamente para proteger a vida de familiares, dos entes queridos e daqueles em nosso círculo íntimo de conexões; apesar de parecerem pequenas, essas contínuas ações incorporam a preocupação pelo grande número de pessoas “invisíveis” com as quais compartilhamos a vida na sociedade em geral.

Ao mesmo tempo, devemos suprir as necessidades das pessoas que já estavam com a vida vulnerável por discriminação e diversas disparidades, cuja possibilidade de viver com dignidade depende do apoio de contatos e de redes sociais gravemente impactados pela crise. Por exemplo, se o apoio àqueles que precisam de cuidados médicos diários for reduzido, isso poderá impedir seriamente a capacidade deles de tocar a vida. Não ter mais aquele precioso tempo que se passava com as pessoas de sua rede de apoio corrói os alicerces de uma vida digna. E, à medida que passamos mais tempo da nossa vida nos ambientes on-line — do trabalho à educação e às compras —, há um sério risco de deixar para trás aqueles que, por razões econômicas ou outras, não têm acesso a canais virtuais ou ainda precisam aprender sua técnica.

Além disso, sabe-se agora que, por conta de as pessoas estarem cada vez mais confinadas em casa, o número de mulheres expostas à violência doméstica cresceu assustadoramente. Muitas vítimas dessa violência não conseguem buscar e receber assistência de agências governamentais ou sociais devido à constante presença do agressor (marido ou companheiro) na casa.<sup>5</sup>

Enquanto as medidas para conter a disseminação da infecção se enraízam na sociedade e nos

Após permanecerem no local de proteção de civis da Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul por vários anos, treze pessoas, a maioria das quais mulheres e crianças, voltaram voluntariamente para os parentes que esperavam em sua cidade natal, Malakal (Sudão do Sul, fev. 2020)

tornamos cada vez mais acostumados a combater a crise da Covid-19, é crucial nosso ativo e forte compromisso de proteger o grande número de pessoas cujo sofrimento corre o risco de passar despercebido. Devemos priorizar os esforços para aliviar a dor e a sensação claustrofóbica de perigo dessas pessoas, fazendo disso o requisito para a reconstrução da nossa sociedade.

A OMS recomendou o uso do termo “distanciamento físico” em vez do “distanciamento social” para evitar a noção de que devemos limitar nossas conexões humanas com os demais, pois isso poderia agravar ainda mais o isolamento e a divisão social.<sup>6</sup> Mesmo que o mundo tenha entrado em um túnel aparentemente sem fim e as circunstâncias vividas por outros estejam fora do nosso campo de visão, de maneira alguma devemos perder nossa bússola principal, o fato de que todos coexistimos em sociedade.

Gostaria de citar aqui as opiniões expressas pelo secretário-geral da ONU, António Guterres. Quando questionado sobre o que o “novo normal” significava para a ONU, durante o webinar *Coping with Covid* (Enfrentando a Covid), ocorrido em julho do ano passado, ele se recusou a descrever nossa presente circunstância em tais termos, e, em vez disso, a denominou “anormal”.<sup>7</sup> De fato, mesmo com o grande número de pessoas que foram lançadas em um estado de emergência inevitável devido à pandemia, devemos estar



conscientes de que essas condições são anormais para os seres humanos.

Em outra ocasião, o líder da ONU frisou:

Fala-se muito sobre a necessidade de um “novo normal” depois da crise. Mas não nos esqueçamos de que o mundo pré-Covid-19 estava longe de ser normal. Desigualdades crescentes, discriminação de gênero sistêmica, falta de oportunidades para os jovens, salários estagnados, mudanças climáticas — nenhuma dessas coisas é “normal”.<sup>8</sup>

Compartilho profundamente de ambas as preocupações. Se permitirmos que essas desigualdades e distorções globais continuem inalteradas,



Foto tirada pelo Dr. Daisaku Ikeda em julho de 2016, Shinjuku, Tóquio, Japão. A flor de lótus, na China, é chamada “flor de virtude”

esta situação deixará, de forma inevitável, mais e mais pessoas para trás, tornando muito mais difícil imaginar o mundo pós-Covid-19 que desejamos.

Apesar de a Covid-19 representar uma ameaça a todos os países, o fato é que existe uma grande diferença na severidade de seu impacto, dependendo das circunstâncias nas quais as pessoas se encontram. Por exemplo, cerca de 40% da população mundial vive em condições nas quais é incapaz de lavar as mãos com sabão de forma regular, método básico para prevenir a infecção. Isso significa que quase 3 bilhões de pessoas não possuem acesso a meios básicos para proteger a si mesmas e a seus entes queridos.<sup>9</sup>

Além disso, com o número de pessoas deslocadas à força de sua casa, em razão de conflitos ou perseguições, alcançando 80 milhões, muitos não têm outra saída a não ser compartilhar alojamentos próximos um dos outros em campos de refugiados. Essas condições tornam virtualmente impossível praticar o distanciamento

físico. Essas pessoas são obrigadas a conviver com o risco de uma exposição no caso de um surto de infecção.

A crise que o mundo enfrenta atualmente consiste em muitas ameaças complexas e entrelaçadas, o que dificulta a identificação das inter-relações — ação necessária para a resolução total do problema. Embora reconheça essa limitação, eu argumentaria que, mesmo enquanto nos esforçamos para desenvolver uma resposta abrangente, devemos sempre priorizar o atendimento ao sofrimento de cada um dos milhares dos seres humanos cuja vida é diretamente impactada.

A seguinte perspectiva budista pode ser útil nessa questão. Na parábola da flecha envenenada, Shakyamuni relata a história de um homem que havia sido alvejado e ferido por uma flecha envenenada. Antes de permitir que a flecha fosse retirada, ele insistia em saber quem havia feito o arco e a flecha, e a identidade — nome e clã — da pessoa que o acertara. Nenhuma medida po-

“Shakyamuni não empregou poderes sobre-humanos para salvar as pessoas. Em vez disso, ele se dedicou a lhes oferecer, por meio do diálogo, palavras que poderiam ajudá-las a revelar a força e o potencial já existentes na vida delas”

deria ser tomada enquanto as respostas para esses detalhes não fossem dadas. O que aconteceu com esse homem, enfatiza Shakyamuni, é que a flecha ficou alojada em seu corpo e ele acabou perdendo a vida. Shakyamuni usava essa parábola para encorajar aqueles discípulos que tinham uma tendência a intelectualizar e a teorizar, a se concentrar em questões que podem de fato afetar a vida humana.

O renomado estudioso de religiões do século 20 Mircea Eliade (1907-1986) chamou atenção para essa parábola, observando, de forma perspicaz, que os ensinamentos de Shakyamuni não tinham como objetivo prover uma teoria filosófica sistemática. Eliade posicionou os ensinamentos de Shakyamuni como um tipo de tratamento médico para curar o sofrimento humano.<sup>10</sup> De fato, Shakyamuni dedicou-se abnegadamente a remover a flecha envenenada; em outras palavras, a remover as causas intrínsecas do sofrimento humano. A origem viva do que conhecemos hoje como os ensinamentos do budismo é a ardente preocupação de Shakyamuni expressa em vários contextos e ocasiões.

Nichiren Daishonin (1222-1282), que expôs e propagou os ensinamentos do budismo no Japão do século 13 com base no Sutra do Lótus, a essência dos ensinamentos de Shakyamuni, descreveu seu poder como um “óleo adicionado a uma lamparina ou um cajado entregue a uma pessoa mais velha”.<sup>11</sup> Ou seja, Shakyamuni não empregou poderes sobre-humanos para salvar as pessoas. Em vez disso, ele se dedicou a lhes oferecer, por meio do diálogo, palavras que poderiam ajudá-las a revelar a força e o potencial já existentes na vida delas.

Encontramos o mesmo espírito nos ensinamentos budistas de Nichiren Daishonin, ao enfatizar a importância crucial de agirmos para eliminar o sofrimento e o desespero. Seu tratado *Estabelecer o Ensino para a Pacificação da Terra* foi escrito tendo como fundo de cena uma série de desastres naturais, fome e disseminação de epidemias que atormentavam a população japonesa. O tratado surgiu do seu profundo desejo de erradicar o sofrimento humano.

Em outro de seus escritos, Nichiren Daishonin descreve o intenso sofrimento de seus conterrâneos, afligidos por desastres recorrentes, da seguinte maneira:

Dessa forma, as três calamidades e os sete desastres continuam por décadas, e metade das pessoas foram dizimadas. Aqueles que permanecem [vivos] foram afastados de seus pais, irmãos e irmãs, ou de suas esposas e filhos, e choram com vozes não menos piedosas do que a dos insetos de outono. Família após família foi despedaçada e destruída como plantas e árvores quebradas pela neve do inverno.<sup>12</sup>

Foi nessa época turbulenta que Daishonin se dedicou a incentivar as pessoas, buscando iluminar com a luz da esperança a sociedade obscurecida pelo caos e confusão.

### TRÊS CALAMIDADES E SETE DESASTRES

Essas catástrofes são descritas em vários sutras budistas. Entre elas estão: três calamidades maiores — fogo, água e vento — às quais é creditada a destruição do mundo; três calamidades menores — alta dos preços dos grãos ou inflação (especialmente a causada pela fome), das guerras e das pestes — que ameaçam a sociedade humana.

Os sete desastres se diferenciam ligeiramente de acordo com a fonte, mas incluem a guerra, a invasão estrangeira, e os desastres naturais. Nichiren Daishonin (1222-1282) combinou esses dois tipos de catástrofe em uma única frase para descrever os desastres que assolavam o Japão em sua época.

Várias vezes perseguido e exilado pelas autoridades do governo por se manter fiel às suas crenças, Nichiren Daishonin com frequência escrevia cartas a seus discípulos em um esforço para transmitir coragem, mesmo quando estava fisicamente distante deles. Em certa ocasião, ele escreveu as seguintes palavras a uma discípula que havia perdido o marido: “Seu falecido marido tinha um filho doente e uma filha. Não posso deixar de pensar na angústia que ele sentiu, sabendo que partiria deste mundo e que teria de abandonar os filhos, bem como a esposa idosa, frágil como uma árvore seca”.<sup>13</sup>

Ainda assim, ele escreve, “o inverno nunca falha em se tornar primavera”. Por meio dessas palavras, Daishonin buscou transmitir a seguinte mensagem de encorajamento: no presente, você pode estar

se sentindo esmagada pelo desespero, como se os ventos gélidos do inverno a assolassem. Mas isso não durará para sempre. O inverno nunca falha em se tornar primavera. Rogo a você que viva com coragem e força. Antes de concluir sua carta, Daishonin acrescenta que ela poderia ficar tranquila, pois o marido estaria sempre protegendo a família, trazendo assim uma cálida luz da primavera a essa mulher para quem o tempo havia parado e a vida fora congelada pelo inverno do falecimento do marido.

Dessa forma, Nichiren Daishonin transmitiu seu coração à leitora por meio de suas palavras. Vencendo a distância física, ao serem lidas, elas adquiriam vida e ficavam profundamente gravadas na vida do destinatário.

Apesar de nossas circunstâncias atuais serem distintas da época de Daishonin, a desordem generalizada provocada por esta pandemia levou muitas pessoas à beira do desespero, com a sensação de que sua vida havia parado abruptamente e se encontrando de forma súbita sem qualquer meio de sustento, incapazes de planejar um futuro.

Se uma pessoa nesse estado for obrigada a suportar o fardo do seu sofrimento sozinha, sem o apoio de uma rede de segurança ou de conexões interpessoais, seu mundo se tornaria desolador. No entanto, assim que alguém percebe a situação e contata essa pessoa, e ela sente a luz calorosa e atenciosa de outros iluminando sua existência, acredito que ela seja capaz de reunir a força necessária para reconstruir a vida e recuperar sua dignidade.

Como herdeiros do espírito de Nichiren Daishonin, os membros da SGI, nos 192 países e territórios, realizaram a prática da fé e o engajamento social determinados a nunca deixar para trás aqueles que lutam nas profundezas do sofrimento. Essa convicção é traduzida nas palavras do meu mestre, Josei Toda: “Desejo banir a palavra ‘miséria’ do mundo; que ela nunca mais seja utilizada por um país ou por qualquer pessoa”.<sup>14</sup>



Participantes da 45ª Reunião Nacional de Líderes da Soka Gakkai (Japão, jan. 2020)

O ponto importante aqui é que Toda *sensei* focava a eliminação da miséria em todas as dimensões da vida: pessoal, nacional e mundial. Perante as injustiças globais que ainda persistem, as questões que diversos países enfrentam ou as severas condições que afetam as pessoas, devemos continuar inabaláveis, a lutar juntos pela eliminação do sofrimento que poderia ser evitado, construindo pontes entre quaisquer diferenças que nos distanciem. Essa determinação fundamenta e direciona os esforços da SGI para aprofundar os laços de cooperação com organizações não governamentais (ONGs) e organizações baseadas na fé (OBF) na busca por soluções para os desafios globais.

De certa forma, a história humana consiste em uma série ininterrupta de ameaças, e talvez seja inevitável continuar a enfrentar os mais diversos perigos. Essa é a razão pela qual se torna crucial a construção de uma base social sólida para eliminar a miséria a fim de que, mesmo quando confrontados com ameaças ou desafios mais intensos, nunca deixemos para trás aqueles que são mais vulneráveis e lutam nas profundezas da adversidade.

No decorrer da crise da Covid-19, fomos solicitados a manter o distanciamento físico, tornando mais difícil discernir as condições nas quais os outros se encontram. Não posso deixar de destacar que movimentos religiosos e OBF têm importante papel a desempenhar nos esforços

de auxílio para nos certificar da permanência de nossa bússola principal — o reconhecimento de que somos todos indivíduos que coexistem em sociedade.

A pandemia impactou gravemente o mundo, e encontrar o caminho para fora desse labirinto está longe de ser fácil. No entanto, acredito que o “fio de Ariadne”, que permitirá a cada um de nós emergir dessa crise, se tornará visível quando nos deixarmos ser tocados pelo peso da vida de cada pessoa e, a partir daí, considerarmos o que seria mais urgente fazer para proteger e apoiar essa vida.

### **Estabelecer uma ação global solidária**

A próxima área temática que quero examinar é a necessidade de os países transcenderem suas diferenças e se unirem em solidariedade para superar a crise.

Qual é a escala real dos danos e prejuízos causados pela pandemia da Covid-19? À luz da enorme e trágica perda de vidas e de saúde, assim como das correspondentes adversidades econômicas e sociais, o Escritório das Nações Unidas para a Redução de Riscos de Desastres (UNDRR) observou o seguinte: “Quando forem calculadas as perdas de emprego e de salário, pode ser que mais pessoas tenham sido afetadas por esse único desastre do que por qualquer outro na história humana”.<sup>15</sup> Além disso, a natureza sem precedentes da crise reside no fato de que ela afetou quase todas as nações.

Desde o início do século 21, o mundo viveu uma série de desastres naturais massivos, incluindo terremoto e *tsunami* no Oceano Índico (2004), terremoto de Caxemira (2005), ciclone de Mianmar (Birmânia, 2008), terremoto de Sichuan (2008) e terremoto do Haiti (2010). Em cada caso, embora os danos tenham sido severos, assistência e amparo foram disponibilizados por parte de outros países, desde os esforços de

resgate logo depois do desastre até a recuperação e reconstrução. Após o terremoto e *tsunami* de Tohoku, ocorridos no Japão em 2011, inúmeros países ofereceram várias formas de apoio às pessoas nas áreas afetadas, o que foi uma fonte de encorajamento incalculável. Quando o desastre ocorre, essas expressões de solidariedade internacional provêm apoio espiritual vital para aqueles impactados e que naquele momento estão incapacitados de enxergar adiante.

A crise da Covid-19 atingiu quase todas as nações de forma simultânea, e isso criou uma condição de complexidade, caos e confusão ainda maiores. Se fôssemos comparar as nações a navios que empreendem um percurso marítimo, o novo coronavírus representa uma tempestade de inigualável fúria que atingiu a todos ao mesmo tempo de maneira que, estando no mesmo mar de problemas, os barcos correm o risco de serem desviados do curso em direções diferentes e aleatórias.

O que então pode servir de bússola para nos ajudar a encontrar o caminho pela travessia oceânica desconhecida, isto é, a busca por meios para superar a crise da Covid-19? O historiador britânico Arnold J. Toynbee (1889-1975), com quem realizei um profundo diálogo, nos deixou as seguintes palavras: “Nossa experiência do passado nos oferece a única luz sobre o futuro que é acessível a nós”.<sup>16</sup>

Com esse espírito, gostaria de refletir sobre o exemplo da colaboração entre os Estados Unidos e a União Soviética para desenvolver uma vacina contra a poliomielite em meio às crescentes tensões da Guerra Fria na década de 1950.

Até então, uma vacina composta por vírus inativados (“mortos”) tinha sido o principal método para prevenir a infecção da pólio. Além do fato de que essa forma de vacinação tinha de ser injetada, ela era bastante cara. A fim de resolver esse impasse, houve esforços para desenvolver uma



vacina administrada oralmente, feita de vírus ativos (“vivos”), porém enfraquecidos, da pólio. No entanto, por conta da já difundida administração da vacina inativada nos Estados Unidos, poucas pessoas estavam disponíveis para se inscrever nos testes para essa nova vacina.

A União Soviética, apesar dos possíveis benefícios que a vacina traria para suas crianças, se mostrou insensível, a princípio, à ideia de colaborar com seu rival, os Estados Unidos. Com o tempo, entretanto, as autoridades soviéticas, preocupadas com o aumento das taxas de infecção, buscaram cooperar com os Estados Unidos. Por sua vez, os Estados Unidos reconheceram a necessidade da cooperação soviética e, a partir de 1959, começaram a apoiar testes em larga escala na União Soviética e em seus vizinhos, levando ao desenvolvimento de uma vacina segura e efetiva com o vírus atenuado.

Pessoalmente, tenho memórias vívidas de como muitas crianças no Japão foram salvas da infecção da pólio a partir da vacina com o vírus atenuado. A pólio varreu o Japão em 1960, e as infecções continuaram a se espalhar no ano seguinte. Enquanto o progressivo número de pacientes se tornava assunto das notícias diárias, aumentavam as solicitações pelo acesso à vacina, especialmente por parte de mães preocupadas. Quando, em adição a 3 milhões de doses importadas do Canadá, a União Soviética forneceu 10 milhões de doses da vacina com o vírus atenuado, a disseminação da infecção no Japão foi rapidamente controlada. Sessenta anos depois, ainda me lembro de como se tornou possível administrar a vacina do vírus atenuado, resultado da cooperação entre os Estados Unidos e a União Soviética, assim como o forte sentimento de alívio que isso trouxe às mães de todo o país.

Hoje, enquanto as infecções por Covid-19 continuam a crescer ao redor do mundo, o foco principal, junto com o desenvolvimento e a pro-

## COVAX FACILITY

O Instrumento de Acesso Global de Vacinas Covid-19 (Covax Facility) promove a produção e o acesso global a imunizantes contra a Covid-19. É coordenado pela Gavi, ou Vaccine Alliance (Aliança das Vacinas), que é composta pelo Unicef, Banco Mundial, Fundação Bill e Melinda Gates e outros parceiros, junto com a Coalizão para Inovação em Preparação para Epidemias (Cepi) e a Organização Mundial da Saúde (OMS).

O Covax Facility permite que os países participantes tenham acesso a uma variedade de vacinas, independentemente de terem ou não assegurado um acordo bilateral com um fabricante particular. Isso possibilita aos governos, que tenham firmado um acordo, diversificar seu portfólio de vacinas e oferece a eles uma apólice de seguro no caso de o acordo falhar. E para os governos que não conseguiriam custear a vacina de outra forma, o Covax Facility deve fornecer um suprimento confiável de alguma vacina efetiva. O objetivo é oferecer 2 bilhões de doses na primeira fase, até o fim de 2021, com 1,3 bilhão delas direcionadas a 92 países de renda mais baixa.

dução de vacinas, é como poderemos assegurar um suprimento estável para todos os países. Para responder a esse desafio, em abril do ano passado, a OMS, com parceiros governamentais e da sociedade civil, lançou o Instrumento de Acesso Global de Vacinas Covid-19 (Covax



António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, participa de reunião virtual durante Fórum Ecosoc 2020 (abr. 2020)

Facility), que busca promover a produção e o acesso global de vacinas contra o vírus. Com o objetivo de criar sistemas para assegurar acesso rápido e equitativo a vacinas para todos os países, a iniciativa tem planos de fornecer 2 bilhões de doses aos Estados participantes até o fim de 2021.

O Covax Facility foi estabelecido apenas um mês depois de a OMS declarar que a Covid-19 havia se tornado uma pandemia. Essa rapidez, sem dúvida, refletiu a preocupação de que se a competição para desenvolver vacinas fosse realizada fora de qualquer modelo internacional, poderia distanciar ainda mais os países com recursos financeiros necessários daqueles sem tais recursos, possivelmente resultando em uma disparada nos preços. Uma resolução adotada na Assembleia Mundial da Saúde, ocorrida em maio de 2020, reconheceu “o papel de uma imunização extensiva contra a Covid-19 como um bem público

global”<sup>17</sup> a ser compartilhado por todos os países. Até o momento [janeiro 2021], 190 Estados e territórios estão participando do Covax Facility com o objetivo de tornar as vacinas disponíveis a partir de fevereiro. Porém, o fornecimento estável de vacinas depende da cooperação dos maiores Estados e do estabelecimento de sistemas de suporte necessários.

O Japão foi um dos primeiros participantes do Covax e peça, com veemência, ao governo japonês que realize esforços para encorajar a participação ativa de países que ainda não fazem parte da iniciativa, como os Estados Unidos e a Federação Russa. Seth Berkley, CEO da Gavi, a Aliança Global de Vacinas, que coordena com a OMS a administração do Covax Facility, deu a seguinte declaração sobre o rápido comprometimento do Japão, feito em outubro do ano passado, para prover recursos e assim apoiar os países em desenvolvimento:

“Se as nações trabalharem solidárias para controlar a pandemia, isso fortalecerá a resiliência global contra outras doenças infecciosas que podem surgir no futuro. E assim estabelecer as bases para a proteção da vida e da saúde de habitantes de todos os lugares”

Esse financiamento vital não só nos ajuda a assegurar que países de baixa renda não sejam deixados no fim da fila quando vacinas seguras e efetivas contra a Covid-19 forem disponibilizadas, mas também terá papel essencial para pôr fim à fase aguda da pandemia ao redor do mundo.<sup>18</sup>

Na cúpula de Kyushu-Okinawa, ocorrida em 2000, no Japão, Seth Berkley, como presidente da cúpula, inseriu a luta contra as doenças transmissíveis como um ponto-chave da pauta. Dois anos depois, o Fundo Global para a Luta contra a Aids, Tuberculose e Malária foi estabelecido. Desde essa época, o Japão e muitos outros Estados continuaram a financiar esse fundo, salvando a vida de aproximadamente 38 milhões de pessoas que, se não fossem tais esforços, teriam sido vítimas dessas três doenças.<sup>19</sup>

Para gerar solidariedade global e confrontar a pandemia do coronavírus, é fundamental manter um foco positivo em quantas vidas estamos, juntos, conseguindo salvar. Quando a atenção é direcionada para dados negativos, como o núme-

ro crescente de infecções, a preocupação estreita de defender apenas o próprio país pode ter prevalência sobre a solidariedade com os outros. Por essa razão, acredito que seja vital trabalhar pelo reconhecimento de que esforços para proteger da infecção pessoas de todos os países também contribuirão para proteger a própria nação.

Da mesma forma que a OMS caracterizou a imunização extensiva contra a Covid-19 como um bem público global, estou confiante de que, quando o Covax Facility se tornar plenamente operacional, ela abrirá caminho para o usufruto do compartilhamento de bens públicos globais de maior valor ainda.

Pesquisadores no campo de bens públicos globais incluem nessa categoria não só produtos materiais, como as vacinas ou infraestrutura social como a internet, mas também condições como a paz e o ambiente saudável que seriam compartilhados e desfrutados por todo o mundo, resultado de políticas promovidas pelo trabalho conjunto dos países.<sup>20</sup> Se a mudança climática for tomada como exemplo, quando diferentes países providenciam medidas efetivas para reduzir a emissão de gases de efeito estufa, eles, assim unidos, criam condições — tais como conter os riscos apresentados pelos eventos climáticos extremos ou pelo aumento do nível dos mares — que beneficiarão todos os países. Da mesma forma, se as nações trabalharem solidárias para controlar a pandemia, isso fortalecerá a resiliência global contra outras doenças infecciosas que podem surgir no futuro. E assim estabelecer as bases para a proteção da vida e da saúde de habitantes de todos os lugares.

Os principais atores que apoiam esse tipo de resiliência — e que servem como faróis que garantem a segurança dos diferentes navios-Estados, para usar minha analogia anterior — são os profissionais da saúde do mundo, os médicos e as enfermeiras que têm trabalhado com dedicação incansável e senso de nobre missão para apoiar aqueles cuja

vida está ameaçada pela Covid-19. Desejo oferecer meu mais profundo agradecimento àqueles que trabalham abnegadamente, dia após dia.

Eu também quero ressaltar que uma em cada oito enfermeiras do mundo está trabalhando em um país diferente do qual nasceu ou recebeu seu treinamento.<sup>21</sup> Em muitos países, há uma tendência em olhar para os imigrantes e seus familiares com frieza, considerando-os um fardo para a sociedade e excluindo-os. A ONU clamou para que esforços fossem realizados a fim de combater essas tendências e, enquanto diferentes países estavam enredados na crise da Covid-19, foram os imigrantes, por vezes trabalhando como enfermeiras e enfermeiros e outros funcionários, que se tornaram os colaboradores cruciais nas linhas de frente do tratamento médico, salvando a vida de muitas pessoas.

Tão logo foi feita a declaração de pandemia, a escassez crítica de máscaras faciais resultou na competição entre Estados para assegurar suprimentos. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) citou vários exemplos de refugiados que responderam espontaneamente ao desafio enfrentado pelo país anfitrião.

No Quênia, depois de os primeiros casos terem sido reportados em março, foi lançada uma diretriz para o uso de máscaras em público. Um homem, que havia fugido da República Democrática do Congo e estava trabalhando como alfaiate em um campo de refugiados, respondeu a essa situação produzindo máscaras e distribuindo-as dentro do campo e na comunidade local, bem como à equipe do Acnur: “Eu queria... mostrar que nós [refugiados] também podemos contribuir com a resposta à pandemia e não só depender de assistência”.<sup>22</sup>

Na Alemanha, uma família de refugiados sírios começou a confeccionar máscaras com o desejo de apoiar as enfermeiras que estavam trabalhando no hospital que os recebera. Quando os estoques de fitas elásticas dos refugiados começaram

a acabar, residentes locais imediatamente levaram até a casa deles mais provisões do material. Um membro da família descreveu seu sentimento: “Fomos tão calorosamente recebidos... Encontramos abrigo, temos trabalho, nossas crianças podem ir à escola. Se pudermos fazer algo em retorno para a Alemanha, ficaremos felizes”.<sup>23</sup>

O desejo irreprimível de fazer o que é possível para ajudar mesmo que seja uma pessoa, a consciência e a preocupação com relação aos outros, a ação sincera oferecida a eles e que advém da convivência em comunidade... Estou seguro de que tal consciência e ações, sustentadas e repetidas apesar das diferenças de nacionalidade ou de circunstâncias, podem cultivar o solo no qual a resiliência emerge e cresce.

O desenvolvimento de uma vacina, na verdade, é fator-chave para superar a atual crise, mas, assim como a OMS alerta, apenas isso não resolverá todos os problemas.<sup>24</sup> Também há a necessidade de garantir a segurança da vacina e criar sistemas efetivos para transportá-la e administrá-la. Isso significa que, com os esforços contínuos para controlar a disseminação das infecções em cada estágio, a cooperação e a ajuda de um grande número de pessoas serão indispensáveis. Os desafios fundamentais serão: criar e manter uma consciência compartilhada sobre a necessidade de se trabalhar em solidariedade para superar a presente crise e expandir o número de pessoas responsáveis capazes de estabelecer a resiliência em sua respectiva sociedade.

A palavra “pandemia” tem suas raízes no termo grego *panemos*, que significa “todas as pessoas”. Até que a disseminação da Covid-19 seja freada em todos os lugares da Terra, a doença continuará a representar um perigo para as pessoas, seja qual for a nacionalidade ou circunstância em que vivem. Nesse sentido, as abordagens tradicionais de estabilidade nacional, em busca da própria segurança, desconsiderando os interesses de outros povos e



Arnold J. Toynbee (segundo da esq. para dir.) e Dr. Daisaku Ikeda (segundo da dir. para esq.) caminham em Holland Park (Londres, maio 1972)

países, são claramente inadequadas. Em vez disso, a abordagem indispensável é a da segurança humana, a partir da qual os países olham além de seus interesses imediatos e trabalham juntos para reduzir e eliminar as ameaças que todos enfrentam, como pode ser visto de forma embrionária no exemplo do desenvolvimento da vacina da pólio com o vírus ativo na cooperação entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria.

Enquanto a pandemia piora, devemos realizar tudo o que for possível para evitar que as medidas tomadas pelos países capazes de reduzir a disseminação das infecções, inclusive com o fornecimento de vacinas, passem a priorizar exclusivamente a própria segurança, em vez de salvar vidas ao redor do mundo. De certo modo, isso po-

deria recapitular as estratégias nucleares das superpotências na época da Guerra Fria, conhecidas como Destruição Mútua Assegurada (MAD, em inglês). Sob essa doutrina, ambos os lados buscavam a própria segurança nacional e desenvolviam avassaladoras forças de dissuasão. No entanto, se a guerra tivesse ocorrido e os ataques nucleares começado, isso não só teria resultado na destruição de ambas as sociedades, mas também teria comprometido a base para a continuidade da sobrevivência da humanidade como um todo.

Assim como observado anteriormente, no ano passado foi anunciado que a forma selvagem da pólio fora erradicada na África,<sup>25</sup> e se isso puder ser repetido em dois países restantes da Ásia, a erradicação global dessa doença será alcançada.



Big Ben e o Palácio de Westminster, sede do Parlamento Britânico, com o pôr do sol ao fundo na cidade (Londres, Reino Unido)

O primeiro caso da erradicação de uma doença transmissível reportada foi a da varíola, em 1980. Bernard Lown, cofundador da organização Médicos Internacionais para a Prevenção da Guerra Nuclear (IPPNW) e um querido amigo pessoal, comentou sobre essa importante conquista:

Mesmo nos dias mais sombrios da Guerra Fria, a cooperação entre médicos dos dois campos ideológicos rivais nunca cessou. No momento em que os mísseis se multiplicavam visando aos ataques nucleares preventivos, os médicos norte-americanos e soviéticos lutavam ombro a ombro na campanha global para erradicar a varíola. Tais atos de camaradagem foram modelos persuasivos para a luta antinuclear.<sup>26</sup>

A Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares (Ican) nasceu do IPPNW, junto com os sobreviventes de Hiroshima e de Nagasaki e dos *hibakusha* [sobreviventes de ataques nucleares] de todo o mundo, e teve protagonismo no movimento da sociedade civil que culminou na realização do Tratado de Proibição de Armas Nucleares (TPAN). Enquanto as ameaças continuarem — mesmo como brasas fumegantes —, será impossível que todos na Terra desfrutem completa segurança física e psicológica. A única forma de segurança promotora da autêntica paz é aquela na qual é inaceitável sacrificar os habitantes de qualquer país, e o direito a existir é garantido a todas as pessoas do mundo. O TPAN, que entrou em vigor em 22 de janeiro, é uma re-

ferência de tratado e um evento crucial que inaugura uma nova era.

Arnold J. Toynbee usava a expressão deveras notável de “perspectiva do tempo” para apresentar a seguinte questão:

Daqui a séculos, ao olharem para o século 20 e tentarem analisar suas atividades e experiências com a justa medida que a perspectiva do tempo às vezes proporciona, o que os futuros historiadores apontarão como evento marcante da nossa época?<sup>27</sup>

De forma similar, devemos perguntar aos futuros historiadores que examinem a primeira metade do século 21 o que eles escolheriam como evento marcante dessa perspectiva temporal. Um deles pode ser a entrada em vigor do TPAN — levada a cabo em um cenário de agravamento da crise da Covid-19 — como um evento que estimulou uma mudança de paradigma na perspectiva da segurança. E tenho a forte esperança de que outro desses eventos seria a história registrada pelos esforços da sociedade internacional em promover a vacinação em escala global sob os auspícios do Covax Facility.

Embora a ameaça apresentada pela pandemia seja, de fato, grave, acredito que se reunirmos a ilimitada capacidade humana de superar impasses e de escrever uma nova história, certamente seremos capazes de superá-la. Nossos esforços conjuntos para responder à pandemia podem servir como alicerce de uma consciência global do papel essencial da solidariedade humana para a resolução de crises. Isso pode, por sua vez, mudar a trajetória da história humana, permitindo que nos libertemos da trágica abordagem de uma segurança nacional perpetuadora e enraizada no conflito.

### **Construir uma cultura de direitos humanos**

A terceira área temática que gostaria de analisar é a necessidade de combater a difusão de

informações errôneas sobre o novo coronavírus, e me refiro particularmente ao efeito que tais informações podem gerar ao fomentar a discriminação contra aqueles que foram infectados. Isso deve ser parte do esforço para construir uma cultura de direitos humanos na qual não seja negada a dignidade de ninguém.

Dentre as obras literárias que ganharam nova atenção desde o surto da pandemia da Covid-19 está *Um Diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe (c. 1666–1731). Ambientado em Londres, século 17, a obra descreve a perda da razão e do autocontrole por parte dos cidadãos que estavam sob a influência de retóricas demagógicas que incitavam o medo, a confusão e a insegurança. Desde os tempos remotos e mais recentemente no caso do HIV/Aids, a história humana mostra repetidos casos de discriminação contra aqueles que sofrem de doenças infecciosas. Surtos de medo irracional causaram divisões agudas e perturbações que deixaram profundas cicatrizes na sociedade.

De forma diversa de males como câncer ou enfermidades cardiovasculares, as doenças contagiosas nos fazem ficar em constante alerta para o perigo de sermos contaminados por outras pessoas. Isso aumenta o risco de que o temor pela patogenia seja traduzido em desconfiança ou medo dos outros. Esses sentimentos são especialmente problemáticos quando ganham maiores proporções e agravam o sofrimento de quem foi infectado e de seus familiares, ou quando o humor da sociedade passa a jogar a culpa pela disseminação da infecção em pessoas ou grupos já sujeitos à discriminação e ao preconceito. Há ainda a preocupação adicional de que informações incorretas ou a incitação relacionada a doenças infecciosas sejam instantaneamente propagadas pelas redes sociais.

À medida que as diretrizes de mitigação continuam a evoluir e a pandemia tem um impacto cada vez mais intenso em nossa vida, as pessoas

buscam outros meios além dos jornais e demais mídias tradicionais para aliviar sua sede de informação. Isso expôs muitas pessoas a informações não confiáveis de fontes desconhecidas ou não confirmadas. O espaço virtual de informações abriga, por vezes, discursos maliciosos que se alimentam do sentimento de apreensão das pessoas com a finalidade de incitar uma ruptura social ou direcionar o ódio a determinados grupos ou indivíduos.

A disseminação descontrolada de desinformação ou incitamento, por vezes designada pelo neologismo “infodemia” (*infodemic*, em inglês), pode intensificar a discriminação e o preconceito, erodindo os próprios fundamentos da sociedade humana. Esse é outro tipo de pandemia, comparável à propagação da verdadeira doença. A ONU pediu muita cautela com relação a essa questão, e em maio do ano passado lançou a iniciativa Verified (Verificado) para combater a transmissão de informações imprecisas ou maliciosas sobre a Covid-19. A ONU trabalha com vários meios de comunicação para difundir informações cuja precisão foi confirmada por seus próprios estudiosos e por outros cientistas e especialistas. A iniciativa clama pela participação de “voluntários da informação” ao redor do mundo, que ativamente compartilharão conteúdo confiável como forma de manter sua família e comunidades seguras e conectadas.

Os perigos decorrentes do fracasso de se expor completamente os erros quando se desafia as falsidades e as desinformações não se limitam à conseqüente escassez da informação e do conhecimento correto. Mais preocupante ainda é o risco de que discriminações e preconceitos já existentes interajam com o temor da infecção e estimulem uma desconfiança descontrolada, que aprofundará as fraturas no seio da sociedade e corroerá os direitos humanos e a dignidade que devem ser protegidas em prol de todos, sem deixar ninguém para trás.

Ao abordar a questão dos direitos humanos e doenças contagiosas em uma declaração feita em 6 de março, cinco dias antes de a OMS declarar a Covid-19 uma pandemia, a alta comissária das Nações Unidas para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, observou: “A dignidade e os direitos humanos devem estar à frente e ao centro de tais esforços, e não serem considerados *a posteriori*”.<sup>28</sup>

Em setembro, ao discutir as abordagens que são indispensáveis aos esforços para superar a crise da Covid-19, a alta comissária ressaltou:

Testemunhamos as formas pelas quais desigualdades profundamente arraigadas e fissuras nos direitos humanos alimentam esse vírus — aumentando o contágio e acelerando enormemente sua ameaça. O que precisamos atualmente é de ações que reparem essas fissuras e curem tais feridas profundas no cerne de nossa sociedade e entre ela.<sup>29</sup>

A natureza estrutural dos fenômenos aos quais a alta comissária se refere como “desigualdades profundamente arraigadas e fissuras nos direitos humanos” tende a obscurecer as profundas feridas resultantes. Acredito que a crise da Covid-19 tenha trazido à tona atitudes discriminatórias que já existiam de forma semiconsciente. Com a piora da pandemia, há a preocupação sobre o alto risco de indivíduos, influenciados por discursos de ódio, buscarem alvos nos quais possam descarregar suas dores e frustrações.

Todos, independentemente das diferenças geográficas ou ocupacionais, distinções étnicas ou religiosas, estão expostos ao risco da infecção por Covid-19. Apesar do fato de ser claramente um desafio que devemos enfrentar e superar juntos, há uma fragmentação social que exacerba essa ameaça. Quais são os fatores inerentes que impulsionam essa situação?

Considerando essa questão, gostaria de fazer referência à análise da natureza da discriminação rea-





Encontro comemorativo dos sessenta anos da Soka Gakkai da Índia (fev. 2021)

lizada pela filósofa americana Martha C. Nussbaum em seu livro *Hiding from Humanity: Disgust, Shame, and the Law* [Ocultados da Humanidade: Aversão, Vergonha e a Lei]. Nussbaum argumenta que o ato de estabelecer limites na sociedade está enraizado em nossos sentimentos de aversão àqueles que consideramos maus e na tentativa de nos distanciarmos deles. Ela resume esse aspecto da seguinte forma: “Ao buscarmos o conforto em nos distanciarmos do mal, chamamos a aversão em nosso auxílio”.

Embora, nesse caso, Nussbaum foque nas formas de pensar que tentam vincular atos maléficis a grupos específicos, pressupondo que isso não tenha relação conosco, acredito que há similaridades estruturais entre tal pensamento e o tipo de perturbação e de discriminação que o surto de uma doença infecciosa pode provocar.

Nessa mesma obra, Nussbaum ressalta os muitos exemplos de terminologia médica, tais como “bactéria” (*bacilli*), utilizados para manifestar repulsa a certos grupos e justificar sua difamação ou opressão.<sup>30</sup>

Na raiz da discriminação está o sentimento de que membros do próprio grupo são os mais justos e valorosos de todos. Quando a sociedade enfrenta uma situação de crise, há um forte impulso de se priorizar os membros do grupo ao qual se faz parte. Isso interage com o sentimento de aversão pelos outros, fazendo as pessoas buscarem segurança na suspensão do contato com aqueles vistos como diferentes de si.

Nussbaum alerta que esse sentimento de repulsa “atribui ao objeto propriedades que não o torna mais um membro da comunidade ou do

mundo do sujeito, mas um tipo de espécie alienígena”,<sup>31</sup> e também argumenta que “quando a aversão conduz à subordinação e à marginalização política de grupos e de pessoas vulneráveis, ela é um sentimento social perigoso”.<sup>32</sup>

Ao mesmo tempo, Nussbaum diz que a indignação é importante como uma emoção que sustenta a sociedade democrática. “A indignação tem uma função construtiva”, diz. “Essas pessoas foram injustiçadas, e elas não deveriam ser injustiçadas. A indignação em si estimula a correção do que está errado”.<sup>33</sup> Nesse sentido, enquanto a experiência da dificuldade e da precariedade da vida pode se tornar uma causa para a intensificação da consciência discriminatória e carrega o risco de aprofundar as divisões na sociedade, ela também tem potencial para suscitar ações construtivas para a concretização de uma sociedade de coexistência criativa.

Enquanto a pandemia da Covid-19 impera, presente em praticamente todos os setores da sociedade, grande número de pessoas se encontra mais sintonizado e envolvido com a dor daqueles cuja vida e dignidade estão sendo negadas, talvez com uma intensidade nunca antes experimentada. Devemos ter cuidado para não permitir que nosso sentimento de desespero claustrofóbico procure vazão em um sentimento de aversão pelos outros. Em vez disso, é vital usar este sentimento para criar empatia pelos outros — refletindo sobre as dificuldades e precariedades que estão enfrentando — e, a partir disso, utilizar nossa energia para ampliar a solidariedade com aqueles que estão engajados em ações construtivas para mudar a dura realidade da sociedade.

Claro, é natural que consideremos nossa própria vida como a mais preciosa de todas. Essa realidade é incluída na abordagem de direitos humanos exposta pelos ensinamentos budistas praticados pelos membros da SGI.

“O Sutra do Lótus é uma narrativa que revela a dramática revitalização da vida humana. Quando uma pessoa após a outra tem contato com essa noção de que todos, sem exceção, possuem de forma inerente a condição de vida mais sublime, (...) elas passam a reconhecer o peso e o valor da dignidade dos demais”

Por exemplo, temos a seguinte narrativa retirada da vida e dos ensinamentos de Shakyamuni. Em uma ocasião, durante uma conversa, o rei e a rainha de Kosala, um reino antigo da Índia, perceberam que cada um deles não estimava ninguém além de si mesmo. Ao ouvir a revelação honesta desse sentimento, Shakyamuni respondeu com o verso:

*Ao percorrer todos os quadrantes com a mente,  
não se encontra ninguém mais estimado  
que a si mesmo.*

*Da mesma forma, cada pessoa aprecia  
a si mais que os outros;  
assim, aquele que ama a si mesmo não deve  
ferir os demais.<sup>34</sup>*

Em outras palavras, se você considera sua vida preciosa e insubstituível, deveria compreender que cada pessoa se sente do mesmo modo; ao fazer dessa consciência a base para conduzir a vida, você nunca deve agir de forma a causar dano aos outros.



Eleanor Roosevelt, presidente da Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, discursa na primeira reunião do comitê de redação da carta internacional

Assim como ilustrado por essa narrativa, a perspectiva budista sobre os direitos humanos não pede para extinguir ou suprimir o sentimento de nos apreciarmos mais que os outros. Pelo contrário, por estendermos e reconhecermos o amor que sentimos por nós mesmos projetado nos outros, podemos entrelaçar novamente a tapeçaria da nossa vida, restaurando os caminhos nos quais nos conectamos aos outros e à sociedade em geral.

O Sutra do Lótus é uma narrativa que revela a dramática revitalização da vida humana. Quando uma pessoa após a outra tem contato com essa noção de que todos, sem exceção, possuem de forma inerente a condição de vida mais sublime, e quando elas despertam continuamente para a própria dignidade preciosa e insubstituível, elas passam a reconhecer o peso e o valor da dignidade dos outros. Em consequência, elas mutuamente aprofundam sua determinação para construir um mundo no qual a dignidade tanto de si como dos demais brilhe radiantemente.

No Sutra do Lótus, Shakyamuni desfaz os limites que dividem as pessoas na sociedade, enfatizando que a condição de vida mais sublime reside igualmente no interior de todos, inclusive das mulheres — que foram sujeitas à severa discriminação em textos anteriores —, assim como dos indivíduos que haviam cometido maus atos. Ao expor claramente sobre a dignidade daqueles que haviam sido alvo de várias formas de opressão e de discriminação, o Sutra do Lótus está entrelaçado com o vívido intercâmbio de vozes em celebração mútua e afirma a essência dignificada do nosso ser. Por meio desse rico drama de vidas que se inspiram mutuamente, ele dá forma concreta ao princípio da dignidade inerente à humanidade.

Com base nos ensinamentos do Sutra do Lótus sobre a dignidade humana, a SGI tem trabalhado de maneira consistente para promover uma educação em direitos humanos, assim como solicitado pelas Nações Unidas, e tem se dedicado a construir uma sociedade que se oponha a toda

“Assim como um círculo não pode ser considerado completo até que todos os seus arcos constituintes sejam delineados, enquanto a promessa de respeito universal aos direitos humanos for enfraquecida pelas disparidades e distinções sociais — enquanto as pessoas continuarem a ser excluídas e marginalizadas —, ele permanecerá um lema vazio, e nunca se tornará realidade tangível”



forma de discriminação, assegurando que ninguém tenha sua dignidade negada.

Em apoio à Década das Nações Unidas para a Educação em Direitos Humanos, que começou em 1995, a SGI organizou a exposição *Toward a Century of Humanity: An Overview of Human Rights in Today's World* [Rumo ao Século do Humanismo: Um Panorama dos Direitos Humanos no Mundo Contemporâneo], a qual viajou para quarenta cidades em seis países. Também nos engajamos na promoção do Programa Mundial pela Educação em Direitos Humanos desde o seu lançamento em 2005. Além disso, em 2011, a SGI trabalhou em colaboração com outras organizações para apoiar a adoção da Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos, um instrumento de referência em estabelecer padrões universais para a educação nesse tema. Desde essa ocasião, nós nos engajamos em atividades como a coorganização da exposição *Transformando Vidas: O Poder*

*da Educação em Direitos Humanos*,<sup>35</sup> em cooperação com o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas pelos Direitos Humanos e a criação conjunta do site Human Rights Education: Open Web Resource [Educação em Direitos Humanos: Recurso Aberto da Web].<sup>36</sup>

Durante a sessão do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, realizada em setembro do ano passado, a SGI, em nome da NGO Working Group on Human Rights and Learning [Grupo de Trabalho das Organizações Não Governamentais sobre Educação e Aprendizado em Direitos Humanos], enviou uma declaração conjunta sobre o plano de ação para a quarta fase do Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos, que tem como foco os jovens e que começou em janeiro do ano passado:

[O plano de ação] estabelece grandes possibilidades para a educação em direitos humanos para os



jovens. Embora a Covid-19 adicione desafios à implementação do plano, não pode haver uma “quebra” na educação em direitos humanos, condição fundamental para a concretização dos direitos humanos.<sup>37</sup>

Este ano marca uma década desde a adoção da Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos, que descreve a educação em direitos humanos como essencial para a construção de uma sociedade inclusiva. Assim como um círculo não pode ser considerado completo até que todos os seus arcos constituintes sejam delineados, enquanto a promessa de respeito universal aos direitos humanos for enfraquecida pelas disparidades e distinções sociais — enquanto as pessoas continuarem a ser excluídas e marginalizadas —, ele permanecerá um lema vazio, e nunca se tornará realidade tangível.

A educação em direitos humanos pode impulsionar a formação de uma vigorosa solidariedade

entre pessoas que, ao compartilharem a consciência da importância da dignidade humana, dedicam-se ao trabalho de reexaminar nosso modo de vida e, assim, transformar a sociedade. Ao fazermos isso, podemos dar forma clara e palpável àqueles arcos do círculo completo dos direitos humanos e da dignidade que haviam sido perdidos e obscurecidos pela natureza estrutural da opressão.

A SGI tem, de maneira consistente, realizado atividades em apoio à educação em direitos humanos, visando completar o círculo de uma sociedade inclusiva, trabalhando em conjunto com todos os que compartilham este mundo. Fortalecendo o trabalho para impedir a disseminação de desinformações e da discriminação, e para dispersar as nuvens escuras do medo e da ansiedade que foram semeadas pela crise da Covid-19, devemos enfrentar agora o desafio de fundamentar uma cultura de direitos humanos com a determinação compartilhada de que a dignidade de alguém jamais seja negada.

## Diretrizes internacionais para combater doenças infecciosas

A seguir, gostaria de fazer propostas específicas em três principais temas relacionados à construção de uma sociedade global de paz e de “valores humanos”.

Meu primeiro conjunto de propostas se relaciona ao fortalecimento da governança mundial focada nas pessoas e no estabelecimento de diretrizes globais para combater doenças infecciosas.

No ano passado, o Programa Alimentar Mundial (WFP) recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Por décadas, o WFP ajuda pessoas que sofrem com a fome e providencia suporte alimentar, e também contribui para a melhoria das condições da paz em áreas afligidas por conflitos. Ano passado, quando a pandemia da Covid-19 gerou um aumento na insegurança alimentar, a WFP intensificou seus esforços para fornecer assistência alimentar com base na convicção de que “até o dia em que tenhamos uma vacina, o alimento é a melhor imunização contra o caos”.<sup>38</sup> O Prêmio Nobel da Paz foi concedido em reconhecimento a essas iniciativas e contribuições. Vale mencionar também que a WFP assumiu outro importante papel durante essa crise: quando a pandemia fez com que muitos voos fossem cancelados, prejudicando enormemente o sistema de transporte global, a WFP alavancou sua capacidade e *expertise* logística para assegurar que navios e voos fretados entregassem suprimentos médicos, bem como transportassem equipes médicas e humanitárias.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) também providenciou apoio logístico para entregar suprimentos médicos relacionados à Covid-19, como máscaras, toucas e armazenadores de oxigênio, bem como kits de testes diagnósticos. Há tempos o Unicef colabora com indústrias logísticas em diferentes regiões, apoiando progra-

mas de vacinação para proteger crianças de doenças infecciosas. Desde outubro do ano passado, preparando-se para o que é esperado ser “um dos maiores empreendimentos da história da humanidade”,<sup>39</sup> o Unicef começou a estabelecer as bases para a vacinação contra a Covid-19 em diversos países, comprando e entregando seringas e outros equipamentos necessários. Também começou a elaborar planos de transporte e de distribuição a fim de que as vacinas sejam entregues assim que forem disponibilizadas. O Unicef tem experiência no transporte de vacinas em ambientes de temperatura controlada e tem promovido a refrigeração dessa energia solar em áreas onde é difícil assegurar a energia elétrica. Sua competência e experiência em gerenciar programas de vacinação terá papel crucial no enfrentamento da crise.

Quando penso no significado das iniciativas lideradas pela WFP e pelo Unicef, recordo-me vividamente da importância da rede de segurança global que foi tecida em conjunto, em camadas sobrepostas, por meio das atividades de diferentes agências das Nações Unidas. A ONU tem um número de organizações cuja tarefa é lidar com as necessidades de populações específicas, como a ONU Mulheres e o Acnur. Por meio das iniciativas e atividades dessas entidades, a ONU confere atenção permanente àqueles que, de outra forma, seriam deixados para trás e abre caminho para a prestação de apoio internacional.

Em minha *Proposta de Paz* de 2019, ressalttei a importância de promover o multilateralismo centrado nas pessoas como meio de proteger aqueles que enfrentam desafios e ameaças mais graves. É cada vez mais urgente tornar essa abordagem a base da existência da humanidade no século 21.

Ano passado, a ONU lançou a iniciativa UN75, uma consultoria global para comemorar seus 75 anos. Foi uma tentativa ambiciosa de ouvir a voz



Encontro do líder da SGI, Dr. Daisaku Ikeda (à dir.), com Javier Pérez de Cuellar (nov. 1990)

das pessoas do mundo por meio de pesquisas e de diálogo. Além dos mais de mil diálogos realizados pessoalmente, on-line e pelas redes sociais, mais de um milhão de pessoas em todos os Estados-membros e observadores ao redor do globo responderam à pesquisa virtual. Os resultados deixam claro que a grande maioria apoia ampla cooperação global. Os entrevistados de todas as faixas etárias e nacionalidades expressaram a opinião de que isso é vital para lidar com os desafios atuais e que a pandemia aumentou a necessidade de uma solidariedade internacional.<sup>40</sup>

A voz dos participantes ao redor do mundo foi publicada no relatório da pesquisa. Em uma constata-

O vírus roubou [das pessoas] emprego, interações, educação e paz... Alunos que se dedicaram tanto aos estudos talvez não consigam um trabalho; pessoas que não têm acesso à tecnologia não conseguem seguir em frente em uma sociedade

que depende muito dela; trabalhadores que estão apoiando a família perderam o emprego e não parece que a vida voltará ao normal no curto prazo; então as pessoas estão estressadas, ansiosas e deprimidas porque elas temem o futuro.<sup>41</sup>

Como o comentário acima sugere, esse senso de urgência por uma cooperação global surge não de uma visão idealizada de uma sociedade internacional, mas da vida real de pessoas que enfrentam adversidades nas mais variadas formas. E isso está sendo sentido por um grande número de pessoas em diferentes países.

Ao ler sobre as esperanças e expectativas em relação à ONU expressas por pessoas do mundo, lembro-me das palavras do ex-secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuéllar, que faleceu aos 100 anos, em março do ano passado. Nascido em Lima, Peru, ele participou da primeira Assembleia Geral da ONU em 1946 como



María Fernanda Espinosa Garcés (ao centro), presidente da septuagésima terceira sessão da Assembleia Geral, encontra-se com Greta Thunberg (quinta a partir da esq.), ativista do clima da Suécia, e ativistas do clima dos Estados Unidos, Alexandria Villaseñor e Xiye Bastida (Estados Unidos, ago. 2019)

integrante da delegação peruana. Ele dedicou a maior parte de sua carreira como embaixador e funcionário sênior da ONU antes de ser indicado como secretário-geral, cumprindo dois mandatos consecutivos durante dez anos, iniciando em 1982.

Nós nos encontramos pela primeira vez em Tóquio, em agosto de 1982, logo que ele assumiu como secretário-geral, e em diversas ocasiões depois disso. Ainda me lembro vividamente como a cada momento que citava a importância do apoio da sociedade civil à ONU, o Sr. Pérez de Cuéllar, um homem conhecido por seus modos sóbrios e honestos, permitia-se sorrir enquanto expressava seu profundo comprometimento com a missão da ONU.

Ele teve papel crucial na resolução de diversos conflitos como secretário-geral. Mesmo nos dias finais do seu mandato, continuou a realizar negociações para que a guerra civil em El Salvador terminasse, culminando no histórico acordo de paz

alcançado no ano-novo, seu último dia no cargo. Suas conquistas ainda brilham como importantes marcos na história da ONU.

Certa vez, ele descreveu o papel essencial da ONU da seguinte forma:

A Carta e o trabalho da organização mundial não podem prometer um mundo livre de problemas. O que eles prometem são caminhos racionais e pacíficos para resolver tais problemas (...). Aos grandes desafios da proliferação das armas nucleares e convencionais, disputas políticas, violações de direitos humanos, da prevalência da pobreza e das ameaças ao meio ambiente foram adicionadas novas fontes de conflito. É necessário que a riqueza mundial em termos de inteligência política e imaginação — e compaixão — seja empregada para lidar com tais perigos. Isso pode ser feito por meio de esforços consistentes e sistemáticos apenas dentro das Nações Unidas.<sup>42</sup>



Em outro discurso, ele expressou seu compromisso como líder da ONU em prol de ações que beneficiariam toda a humanidade, afirmando que a crise então enfrentada pela ONU poderia gerar oportunidades criativas para renovação e reformas.<sup>43</sup> Para encarar o desafio da pandemia da Covid-19, assim como a emergência climática, acredito que devemos adotar a abordagem solicitada pelo falecido secretário-geral e fazer da presente crise uma oportunidade para fortalecer o multilateralismo centrado nas pessoas por meio do sistema da ONU. De modo semelhante, o atual secretário-geral da ONU, António Guterres, afirmou que superar as fragilidades e os desafios atuais requer melhor governança global,<sup>44</sup> algo que devemos continuar promovendo.

Dessa perspectiva, quero propor um painel de alto nível na ONU para abordar a Covid-19 como meio de fortalecer ainda mais o contato e a colaboração entre os governos do mundo. Antevendo a possibilidade de novas doenças infecciosas emergirem no futuro, gostaria de propor em seguida que as diretrizes internacionais de administração das respostas à pandemia sejam adotadas em tal painel.

No mês passado [dezembro de 2020], uma sessão especial da Assembleia Geral da ONU, com foco na atual pandemia, foi realizada na sede das Nações Unidas, em Nova York, na qual o presidente da Assembleia Geral, Volkan Bozkir, expressou o sentimento compartilhado por milhões ao redor do mundo:

Neste momento, estamos todos sonhando com o dia em que esta pandemia vai acabar. O dia em que poderemos inspirar profundamente o ar sem medo. O dia em que poderemos cumprimentar nossos colegas com apertos de mão, abraçar nossos familiares e rir com nossos amigos.<sup>45</sup>

Adiante, ele defendeu com ênfase o fortalecimento da cooperação internacional liderada pelas Nações Unidas. Após um momento de silêncio em memória de todos aqueles que perderam a vida, chefes de Estado e de governo se pronunciaram na sessão por meio de declarações pré-gravadas em vídeos e as discussões do painel on-line foram realizadas com o diretor-geral da OMS, Dr. Teros Adhanom Ghebreyesus. Acredito que essa reunião de alto nível que estou propondo poderia ser convocada como um acompanhamento para desenvolver as diretrizes internacionais que serviriam de base para uma resposta coordenada à Covid-19. Essas diretrizes devem ser bastante robustas também para servir como proteção a futuros surtos de doenças infecciosas.

Vimos como, em 2001, a Seção Especial da Assembleia Geral da ONU lançou a Declaração de Compromisso com o HIV/Aids, com uma lista de categorias para ação e uma linha do tempo para a concretização delas, e com isso forneceu poderoso ímpeto para cada país responder a essa epidemia.

Também vale a pena olharmos para a abordagem internacional de desastres de diferentes naturezas. Em 2015, quatro anos depois do terremoto e *tsunami* de Tohoku, o Quadro de Sendai para Redução de Riscos de Desastres 2015-2030 foi adotado na Terceira Conferência Mundial da ONU para a Redução de Riscos de Desastres, realizada em Sendai, cidade que foi severamente afetada. Esse quadro incluía princípios-guia e prioridades para ação na redução dos riscos de desastres, salientando claramente que o objetivo é proteger não apenas vidas humanas, mas seus meios de sustento. Ele também incluiu lições específicas aprendidas com esses desastres, como o terremoto de Tohoku, assim como a importância de reforçar a resiliência — a capacidade de as sociedades se recuperarem de choques severos. Posteriormente, como resultado de o Quadro de Sendai ter definido objetivos específicos

## ARQUIMEDES

Matemático da Grécia antiga e inventor. Arquimedes (c. 287-211 a.E.C.) é mais conhecido por sua descoberta sobre a relação entre a superfície e o volume de uma esfera, assim como o princípio hidrostático celebrizado como Teorema de Arquimedes. Ele também definiu o princípio da alavanca em seu livro *Sobre o Equilíbrio dos Planos*. A Arquimedes é creditada a fala “Dê-me uma alavanca e um ponto de apoio, e eu moverei o mundo”. Essa frase é utilizada para expressar a ideia de que, com uma base firme e ferramentas apropriadas, tudo é possível.

rumo a 2030, incluindo a redução substancial do número de vítimas de desastres ao redor do mundo e controlar o dano a infraestruturas críticas, como unidades médicas e educacionais, países ao redor do mundo começaram a compartilhar áreas prioritárias e melhores práticas nesse campo.

Acredito que, com base nas conquistas do Quadro de Sendai e nas lições aprendidas e experiências adquiridas, diretrizes internacionais devem ser estabelecidas para combater a atual pandemia em caráter de grande urgência.

Apesar de os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) incluírem a erradicação de certas doenças transmissíveis como a Aids, tuberculose e malária, não há menção explícita à palavra “pandemia”. Tendo em mente a possibilidade de que novas doenças infecciosas apareçam, as diretrizes internacionais que estou propondo devem delinear ações prioritárias para respostas à pandemia a serem implementadas até 2030. Como diretrizes ligadas aos ODS, elas devem estar integradas a fim de reforçar esses objetivos.

Paralelamente a uma conferência para traçar essas diretrizes globais, quero propor a realização de uma cúpula jovem, Além da Covid-19 [*Beyond COVID-19*, em inglês], uma convocação de jovens para discutir qual mundo eles gostariam de ver em um cenário pós-crise. Há dois anos, a Cúpula Jovem do Clima das Nações Unidas ocorreu na sede da ONU, em Nova York. Ela ofereceu uma plataforma e uma oportunidade para jovens líderes de todos os lugares do globo colaborarem com a liderança da ONU, compartilhando suas soluções para as questões climáticas a fim de que suas preocupações pudessem ser mais adequadamente refletidas nos processos de formulação de políticas.

A cúpula Além da Covid-19 pode ser feita em plataformas on-line, possibilitando assim a participação de muitos outros jovens de históricos e contextos diversos, como aqueles que estão lutando na pobreza, aqueles que vivem em áreas de conflito e aqueles que são obrigados a viver como refugiados. Essa cúpula ofereceria aos jovens uma oportunidade de realizar um livre intercâmbio de pontos de vista e de esperanças com os funcionários da ONU e líderes nacionais.

Muitos participantes dos diálogos da UN75, mencionada anteriormente, expressaram a necessidade de uma reforma da ONU que fortaleça a colaboração com a sociedade civil e expanda o envolvimento de mulheres e de jovens nas tomadas de decisão da organização. Das sugestões detalhadas no Relatório UN75 [UN75 Report, em inglês], gostaria de frisar especialmente a ideia de estabelecer um conselho com o papel de comunicar ideias e propostas desenvolvidas a partir da perspectiva dos jovens à liderança da ONU.

Sobre a reforma da ONU, em minha proposta de 2006 compartilhei a firme crença na importância de promover o engajamento ativo dos jovens com a ONU. Referindo-me a Arquimedes, afirmei que, quando os jovens possuem “um lugar para

se posicionar”, eles têm condições de alavancar o potencial da ONU. Em minha proposta de 2009, solicitei a criação de um escritório de visão global dentro do secretariado da ONU para ajudar a identificar futuros rumos para as Nações Unidas e focar nessas propostas. É crucial que a ONU não só reaja a desafios imediatos, mas também reflita melhor sobre a voz e as perspectivas de mulheres e de jovens em seus esforços para desenvolver estratégias de ação orientadas para o futuro.

Para esse fim, o conselho jovem da ONU regularia e sustentaria o tipo de engajamento jovem descrito anteriormente. Uma cúpula jovem dedicada a responder à crise da Covid-19, seguindo o precedente aberto pela Cúpula Jovem do Clima, geraria um impulso para a criação desse conselho jovem. Acredito sinceramente que a participação ativa da juventude nesse sentido traria novas ideias e vitalidade à organização, fortalecendo a governança global centrada na ONU em benefício dos povos do mundo.

### **TPAN — ponto de virada na história da humanidade**

O segundo tema de interesse ao qual gostaria de oferecer propostas específicas é a proibição e a abolição das armas nucleares.

Em 22 de janeiro de 2021, o Tratado de Proibição de Armas Nucleares (TPAN), há tanto tempo almejado pela sociedade civil, entrou em vigor. O tratado proíbe de forma abrangente as armas nucleares, e não apenas seu desenvolvimento e testes, mas também sua produção, estocagem e uso ou ameaça de uso. Atualmente [até janeiro de 2021], o tratado foi assinado por 86 países e ratificado por 52.

Seguindo os precedentes abertos pela Convenção sobre as Armas Biológicas e Químicas, que extingue tais artefatos de destruição em massa, a entrada em vigor do TPAN marca o começo

### **TRATADO DE PROIBIÇÃO DE ARMAS NUCLEARES**

O Tratado de Proibição de Armas Nucleares (TPAN) é o primeiro acordo internacional juridicamente vinculativo que proíbe as armas nucleares de forma abrangente e foi adotado com o objetivo da consequente eliminação destas. O tratado recebeu o apoio de 122 países na sede das Nações Unidas quando foi adotado pela primeira vez, em 7 de julho de 2017. Em 24 de outubro de 2020, ele atingiu sua quinquagésima ratificação para entrar em vigor e, daí em diante, ganhou maior apoio, com 86 países signatários e 52 ratificações até o fim de janeiro de 2021.

Nos seus vinte artigos estão contidas as condições nas quais os Estados signatários devem concordar sobre: não desenvolver, testar, produzir, manufaturar, transferir, possuir, estocar, usar ou ameaçar usar armas nucleares, ou permitir que tais armamentos sejam posicionados em seu território. Estados que possuem arsenais nucleares podem aderir ao tratado a partir da submissão de um plano com vínculo temporal para a comprovada e irreversível eliminação de seu programa nuclear.

de uma nova era na qual a contínua existência das armas nucleares na Terra foi considerada inaceitável por um instrumento juridicamente vinculativo.

Em outubro do ano passado, Setsuko Turlow, uma *hibakusha* que se empenhou junto com a Campanha Internacional pela Abolição das Ar-



Representantes da banda feminina Asas da Paz Koteikaitai do Brasil visitam Hiroshima durante Curso de Aprimoramento da SGI (Japão, out. 2013)

mas Nucleares (Ican) para defender a entrada em vigor do TPAN, compartilhou seus pensamentos ao ficar sabendo que o tratado havia cumprido as condições para isso. Por eu também ter dedicado a vida a concretizar um mundo sem armas nucleares, fiquei profundamente tocado por suas palavras:

Isso de fato marca o início de uma era sem armas nucleares! Quando fiquei sabendo que atingimos nossa quinquagésima ratificação, não fui capaz de me manter em pé. Permaneci em minha cadeira, coloquei a cabeça em minhas mãos e derramei lágrimas de alegria. (...) Tenho um enorme sentimento de conquista e de realização, um sentimento de satisfação e de gratidão. Sei que outros sobreviventes compartilham dessas mesmas emoções — sejam eles sobreviventes de Hiroshima e

de Nagasaki, sobreviventes de testes das nações insulares no Pacífico Sul, Cazaquistão, Austrália e Argélia ou sobreviventes da exploração de urânio no Canadá, Estados Unidos e Congo.<sup>46</sup>

Assim como a Sra. Turlow notou, pessoas ao redor do mundo sofreram com o desenvolvimento e com os testes ao longo de uma era nuclear que persistiu por mais de 75 anos. E, conforme o TPAN ressalta, só a existência das armas nucleares já apresenta grande perigo para o mundo. E as calamitosas consequências resultantes do uso delas e de qualquer operação nuclear seriam realmente imponderáveis. O dano ao planeta se estenderia além da dimensão da destruição em massa: em um instante, tudo retornaria ao nada, tudo cessaria de existir — cada preciosa vida, as comunidades e atividades sociais, a totalidade

da história humana e da civilização —, tudo seria cruelmente esvaziado de sentido. Algo capaz de produzir tamanha tragédia pode ser apenas descrito como um mal absoluto.

Meu mestre, segundo presidente da Soka Gakkai, Josei Toda, lançou sua *Declaração pela Abolição das Armas Nucleares* em 1957, uma época em que todas as partes do mundo estavam sendo dominadas por uma investida nuclear resultante da corrida armamentista. Para confrontar e subjugar o pensamento que justifica a posse de armas nucleares, Toda *sensei* afirmou que seu objetivo era “expor e cortar as garras ocultas nas profundezas de tais armas”.<sup>47</sup> Ele foi além e declarou o uso de armas nucleares como inaceitável sob quaisquer circunstâncias. Ao usar deliberadamente uma linguagem provocativa, desejava enfatizar que, sem expor a verdadeira natureza do mal absoluto que se esconde na posse de armas nucleares, seria impossível proteger o direito da população mundial à vida.

Como o preâmbulo do TPAN afirma, um senso de urgência para garantir “a segurança de toda a humanidade” se encontra na base desse tratado. Ao estabelecer uma norma que exclui de forma abrangente as armas nucleares sob lei internacional, o principal propósito do tratado reside na proteção do direito à vida para todas as pessoas com quem compartilhamos este planeta — mesmo que o Estado em que vivem tenha armas nucleares ou seja dependente delas. E assim assegurar a sobrevivência das gerações futuras.

O apoio ao tratado tem crescido de forma constante: mesmo depois que o TPAN atingiu a quinquagésima ratificação necessária para entrar em vigor, dezesseis outros Estados expressaram sua intenção de ratificá-lo na sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas e do Conselho de Segurança (Primeiro Comitê).<sup>48</sup>

A atenção agora se volta para a primeira reunião dos Estados-membros do TPAN que o tra-

“Meu mestre, segundo presidente da Soka Gakkai, Josei Toda, lançou sua *Declaração pela Abolição das Armas Nucleares* em 1957, uma época em que todas as partes do mundo estavam sendo dominadas por uma investida nuclear resultante da corrida armamentista”

tado exige que seja realizada dentro de um ano a partir de sua entrada em vigor. Aqui, o próximo passo será conseguir grande apoio à “segurança de toda a humanidade” e expandir grandemente o número de Estados signatários e ratificadores. Além disso, partindo do ponto em que todos os Estados são bem-vindos nessa reunião, incluindo aqueles que ainda não são membros, o foco principal será como envolver nas deliberações o máximo possível de Estados que tenham armas ou que sejam dependentes de energia nuclear. O desafio aqui é construir o tipo de vigorosa solidariedade que encerrará de vez a era das armas nucleares.

O Relatório UN75, ao qual me referi antes, também reflete claramente o crescente apoio do público global para a criação desse tipo de solidariedade. Ele cita uma lista de dez pontos prioritários para o futuro, incluindo um impulso global para apoiar a entrada em vigor do TPAN, assim como o banimento das armas autônomas letais (*Laws*, sigla em inglês), bem como as armas robóticas.<sup>49</sup> Além do mais, de acordo com uma pesquisa com Millennials (pessoas nascidas entre meados da dé-

cada de 1985 e fim dos anos 1990) de dezesseis países e territórios, financiada pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 84% de todos os entrevistados concordam que o uso de armas nucleares em guerras ou conflitos “jamais será aceitável”. Notadamente, também houve um apoio massivo a essa afirmação entre os Millennials que vivem em Estados com arsenais de armas nucleares.<sup>50</sup>

Como único país a ter vivido um ataque nuclear na época da guerra, o Japão deve preparar o caminho para os Estados dependentes de energia nuclear ao anunciar sua intenção de participar da primeira reunião dos Estados-membros do TPN e proativamente participar das discussões. A partir disso, o Japão deve buscar uma ratificação o mais breve possível. À luz de sua história e do espírito inerente ao tratado — proteger o direito à vida de todas as pessoas com quem compartilhamos este planeta e assegurar a sobrevivência das futuras gerações —, o país pode certamente enviar uma mensagem poderosa ao mundo. Nesse sentido, o Japão fará uma importante contribuição para assegurar que as conversas atinjam um desfecho construtivo.

O TPN estipula que, junto com a revisão e discussão de sua ratificação e status de implementação, a assembleia dos Estados-membros pode também abordar “quaisquer outros temas conformes e consistentes com as cláusulas deste tratado”.<sup>51</sup> Com base nisso, gostaria de propor que um fórum para discussão da relação entre as armas nucleares e os ODS seja realizado durante a primeira reunião dos Estados-membros.

A questão das armas nucleares não é apenas central para a conquista da paz mundial; assim como assinalado no preâmbulo do tratado, ela tem graves implicações em muitas áreas de interesse incluindo direitos humanos e questões humanitárias, meio ambiente e desenvolvimento, economia global e segurança alimentar, saúde e igualdade de gênero. Do ponto de vista de que cada uma des-

“Acredito fortemente que atingimos um ponto crítico no qual os Estados devem seriamente reconsiderar o mérito de continuar a despejar vultosas somas em orçamentos militares que buscam segurança por meio da posse de armas nucleares”

sas áreas representa um aspecto crucial dos ODS, o tema das armas nucleares e os ODS podem ser colocados como uma questão que se refere a todos os Estados e servir de impulso para engajar o máximo possível daqueles que detenham armas nucleares ou que sejam dependentes de energia nuclear nas discussões dos Estados-membros.

A prolongada severidade das tensões que se seguiram à Segunda Guerra Mundial fez com que a ameaça imposta pelas armas nucleares se enraizasse, tanto que até hoje, trinta anos após o fim da Guerra Fria, há forte tendência de ver a questão como algo imutável e “determinado”. Mesmo reconhecendo que a segurança nacional tem alta prioridade para os Estados, deveríamos nos perguntar: “Ela só pode ser alcançada pela dependência contínua das armas nucleares?”. Acredito que debater essa questão à luz da importância da conquista de cada um dos ODS representaria oportunidade significativa para os Estados com armas nucleares e os dependentes de energia nuclear reexaminarem suas posições atuais.



SGL promove exposição por um mundo sem armas nucleares durante conferência religiosa (Estados Unidos, maio 2014)

Isso é ainda mais crucial quando vemos que a pandemia da Covid-19 continua a sobrecarregar os sistemas de saúde nacionais e a minar as economias ao redor do mundo, com algumas previsões mostrando que a recuperação pode levar anos. Acredito fortemente que atingimos um ponto crítico no qual os Estados devem seriamente reconsiderar o mérito de continuar a despejar vultosas somas em orçamentos militares que buscam segurança por meio da posse de armas nucleares.

Na mitologia grega, encontramos a história do rei Midas, que se tornou hábil em transformar tudo o que tocava em ouro. Uma vez que seu desejo era sempre garantido, ele descobriu que até a água e a comida, tão necessárias para a sobrevivência humana, se transformavam em ouro ao serem tocadas e, conseqüentemente, se tornavam inúteis. No final, ele decidiu abrir mão do seu

“dom”. Atualmente, por conta não apenas das mudanças climáticas, mas também da crise da Covid-19, faz-se necessário que todos os países reconsiderem minuciosamente as implicações das armas nucleares em prol da população mundial. Isso, estou seguro, ganhará maior evidência com as discussões sobre a relação entre as armas nucleares e os ODS, que, por sua vez, será indispensável em nossos esforços para criar um mundo no qual vale a pena viver.

Mais que tudo, é a voz unida da sociedade civil que servirá como uma grande força para gerar maior apoio global para o TPAN. Em minha proposta de paz do ano passado, além de solicitar a participação de observadores da sociedade civil na primeira reunião dos Estados-membros do TPAN, propus a realização de um fórum popular por um mundo sem armas nucleares que se seguisse à primeira reunião, unindo os *hibakusha* do mundo,



Dr. Daisaku Ikeda e o Dr. Joseph Rotblat (à esq.) encontram-se em Okinawa (Japão, fev. 2000)

os municípios que apoiam o TPAN e os representantes da sociedade civil. Essas duas propostas serviriam para ampliar as vozes da sociedade civil e ajudar a posicionar o TPAN como o pilar dos esforços pelo desarmamento no século 21, e seriam pontos fundamentais para reunir a energia popular a fim de transformar a história humana.

Agora que o TPAN entrou em vigor, será possível que os países se unam para eliminar a ameaça planetária imposta pelas armas nucleares?

Enquanto nos encontramos nessa encruzilhada da história, gostaria de abordar o exemplo do professor Joseph Rotblat (1908-2005), que serviu por muito tempo como presidente das Conferências de Pugwash sobre Ciência e Negócios Mundiais, cuja história de vida pode nos oferecer um guia para que a mudança de paradigma à qual aspiramos seja conquistada.

Dos muitos cientistas engajados no Projeto Manhattan, empreendimento liderado pelos Estados Unidos para desenvolver a bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial, o professor Rotblat foi o único que se demitiu antes da finalização do projeto. Muitos anos antes de se juntar ao projeto, ele havia se mudado do seu país de origem, Polônia, para a Inglaterra, a fim de realizar sua pesquisa, mas foi separado de sua esposa quando alemães nazistas invadiram sua terra natal. Ao receber o convite para participar do Projeto Manhattan como parte da missão britânica, ele partiu para os Estados Unidos, atormentado por um conflito entre sua consciência e o desejo de evitar que os nazistas desenvolvessem e usassem uma arma nuclear.

No laboratório de Los Alamos, no Novo México, seu escritório era vizinho ao de Edward Tel-



ler (1908–2003), que seria mais tarde conhecido como o pai da bomba de hidrogênio. Um dia, o general militar a cargo do Projeto Manhattan lhe disse que o real objetivo de construir a bomba atômica era subjugar a União Soviética, mais que ultrapassar os esforços nazistas de desenvolvimento, e assim desmoralizá-los.<sup>52</sup>

Em um diálogo conduzido muitos anos depois [do ocorrido], o professor Rotblat relembrou seu profundo choque diante dessa revelação: “Comecei a sentir que estava em Los Alamos pela razão errada. Senti como se o chão sob meus pés começasse a desmoronar”.<sup>53</sup> Ele pediu para ser dispensado de sua participação nesse projeto ultrassecreto e, apesar dos diversos tipos de pressão para voltar atrás em sua decisão, ele retornou à Inglaterra sozinho. Tragicamente, chegando lá, ficou claro que sua amada esposa havia sido morta no Holocausto.

Quando soube do bombardeio atômico de Hiroshima no noticiário em 6 de agosto de 1945, ele resolveu dedicar o restante de sua vida para garantir que as armas nucleares nunca mais fossem usadas. Em 1946, organizou a Associação Britânica de Cientistas Atômicos com o intuito de realizar uma campanha contra qualquer tipo de uso de tais armas. Para promover a consciência pública sobre os perigos de armas nucleares, ele ajudou a financiar uma exposição itinerante em vagões de trem que percorreu as ilhas britânicas, a Europa continental e o Oriente Médio. Rotblat mudou seu campo de estudos para o uso terapêutico da radiação, pois queria ver sua pesquisa usada para ajudar a salvar vidas. Seu trabalho anterior sobre o elemento radioativo Cobalto-60 contribui com o tratamento de tumores malignos até hoje.

Em 1954, um teste de bomba de hidrogênio foi realizado no Atol de Bikini, expondo habitantes locais e a tripulação do pesqueiro japonês Dairo Fukuryu Maru (Dragão da Sorte nº 5) à chuva radioativa. Isso possibilitou um encontro entre o

“As armas nucleares são mantidas como forma de se precaver de alguns perigos não especificados. Essa política é simplesmente uma continuação inercial da época da Guerra Fria (...) sobre a afirmação de que as armas nucleares previnem a guerra, quantas guerras mais serão necessárias para refutar esse argumento?”

Dr. Joseph Rotblat

professor e o filósofo Bertrand Russel (1872–1970). Rotblat prosseguiu [com seus esforços], assinou o Manifesto Russel-Einstein de 1955 e, em 1957, foi cofundador das Conferências de Pugwash sobre Ciência e Negócios Mundiais nas quais continuou a desempenhar papel central até seu falecimento em 2005. Sua vida foi devotada à proibição e à abolição das armas nucleares.

Sua visão sobre a realidade da dissuasão nuclear, expressa quando ele e as Conferências de Pugwash receberam, em conjunto, o Prêmio Nobel da Paz, em 1995, continuam relevantes até hoje:

As armas nucleares são mantidas como forma de se precaver de alguns perigos não especificados. Essa política é simplesmente uma continuação inercial da época da Guerra Fria (...) sobre a afirmação de que as armas nucleares previnem a guerra, quantas guerras mais serão necessárias para refutar esse argumento?<sup>54</sup>



Sobreviventes do ebola participam de reunião da associação de sobreviventes na cidade de Beni, República Democrática do Congo (nov. 2019)

Em nosso diálogo, o professor Rotblat e eu discutimos sobre como as armas nucleares foram desenvolvidas, inicialmente com o argumento de combater a Alemanha nazista, e como sua posse e seu desenvolvimento competitivo foram justificados com razões e teorias estratégicas que estavam sempre se modificando. Chegamos à conclusão de que as armas nucleares não continuam a existir por necessidade, mas, em vez disso, sua existência exigiu uma série de argumentos para justificá-las.<sup>55</sup>

Enquanto os Estados continuarem a manter suas armas nucleares, com o argumento de ameaça de um “perigo não especificado”, a ameaça real que essas armas apresentam ao nosso planeta persistirá pelo futuro indefinidamente. Em contraste, o TPAN, que visa eliminar “o risco apresentado pela contínua existência de armas nucleares”,<sup>56</sup> estabelece um caminho para os países avançarem juntos rumo à erradicação de tal ameaça.

“Necessitamos do poder da ação conjunta e da solidariedade que transcende as fronteiras nacionais, em ação contra as entrelaçadas crises das mudanças climáticas e dos impactos econômicos relacionados à Covid-19”

Em seus primeiros esforços para conquistar a abolição das armas nucleares, as Conferências de Pugwash tiveram seu primeiro êxito com a entrada em vigor do Tratado de Interdição Parcial de Ensaios Nucleares em 1963, ano posterior à Crise dos Mísseis de Cuba. Apesar de o tratado

## ARMAS BIOLÓGICAS E QUÍMICAS

A Convenção sobre as Armas Biológicas (BWC), adotada em 1971 e com entrada em vigor em 1975, proíbe efetivamente o desenvolvimento, a produção, a aquisição, a transferência, o estoque e o uso de armas bacteriológicas e tóxicas. O tratado possui, atualmente, 183 Estados-membros. Como primeiro tratado de banimento de toda uma classe de armas de destruição em massa, a BWC deteve, com sucesso, a aquisição de armas biológicas por mais de quarenta anos.

A Convenção sobre Armas Químicas (CWC), adotada em 1992 e com entrada em vigor em 1997, atualmente possui 193 Estados-membros e, de forma similar, os proíbe de desenvolver, produzir, adquirir, estocar, reter, transferir ou usar armas químicas. O CWC introduziu um rigoroso regime para verificar o cumprimento e monitorar a produção de componentes que poderiam ser potencialmente utilizados na produção de armas químicas.

Esses tratados são significativos por representar a vontade coletiva global de banir as armas biológicas e químicas e estabelecer uma norma internacional a partir da qual o país que use tais armas seja considerado um pária.

proibir explosões nucleares na atmosfera, no espaço sideral e subaquático, não proibia explosões nucleares subterrâneas. Isso, por sua vez, levou à adoção, três décadas depois, do Tratado de Interdição Completa de Ensaio Nucleares (CTBT), que bane todos os testes nucleares, em 1996.

O CTBT ainda precisa entrar em vigor, mas já foi assinado por 184 Estados e, por meio da Comissão Preparatória para a Organização do Tratado de Interdição Completa de Ensaio Nucleares (CTBTO), possui um regime de verificação para assegurar que nenhuma explosão nuclear, em nenhum lugar do mundo, fique sem ser detectada. Esse regime ajuda a prevenir a criação do tipo de “perigos não especificados” sobre os quais o professor Rotblat alertou. Além disso, ao mobilizar recursos de coleta de dados de monitoramento das estações nucleares, que se espalham por todo o globo, a CTBTO ajuda a proteger a vida de pessoas em qualquer lugar, possibilitando, por exemplo, o alerta precoce e a detecção de acidentes em centrais nucleares.

De forma similar, a Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA) lançou a iniciativa, em março de 2020, de usar tecnologia derivada de materiais nucleares para ajudar mais de 120 países com testes de detecção da Covid-19.<sup>57</sup> A IAEA tem um registro histórico de ajuda a países para expandir o acesso ao tratamento de câncer e a testes rápidos de detecção na luta contra epidemias como ebola e zika. Com relação a essa iniciativa, o diretor-geral Rafael Mariano Grossi declarou: “Quando foi solicitada a assistência da IAEA em tempos de crise, a agência não decepcionou, e não decepcionará”.<sup>58</sup> Essas atividades ecoam o compromisso de vida do professor Rotblat para salvar vidas a partir da pesquisa e do ativismo.

Se uma força de dissuasão é necessária no mundo de hoje, certamente não é a das armas nucleares. Em vez disso, necessitamos do poder da ação conjunta e da solidariedade que transcende as fronteiras nacionais, em ação contra as entrelaçadas crises das mudanças climáticas e dos impactos econômicos relacionados à Covid-19.

A atitude da comunidade internacional em relação às armas químicas mudou drasticamente

depois que os tratados de abolição dessas armas entraram em vigor. Estados iniciaram o processo de destruição: mais de 90% das armas químicas declaradas estocadas do mundo foram, até agora, eliminadas.<sup>59</sup> Uma mudança similar relacionada a armas nucleares pode não ocorrer imediatamente entre Estados com armas nucleares ou dependentes de energia nuclear, mas não é como se o processo fosse iniciado do zero.

Entre 2013 e 2014, foram realizadas três conferências internacionais sobre as consequências humanitárias do uso de armas nucleares. A cada iteração, o número de governos participantes aumentou, incluindo aqueles Estados dependentes de energia nuclear, como os Estados Unidos e o Reino Unido, entre os 158 Estados que compareceram à terceira conferência.<sup>60</sup>

Das conclusões tiradas dessas conferências, penso que os três pontos seguintes são particularmente importantes:

1. O impacto de uma detonação nuclear não estaria limitado a fronteiras nacionais e causaria uma devastação em escala global com efeitos em longo prazo.

2. É improvável que qualquer Estado ou organismo internacional possa lidar adequadamente com a emergência humanitária imediata causada por uma detonação nuclear.

3. Os efeitos indiretos de uma detonação nuclear seriam mais concentrados nos segmentos mais carentes e vulneráveis da sociedade.

Apesar de diferir em sua natureza, o impacto da crise climática e da pandemia da Covid-19 se assemelha aos das armas nucleares em cada um dos pontos acima. O impacto devastador que a Covid-19 causou no mundo deverá levar para dentro de cada Estado, incluindo aqueles com armas nucleares ou dependentes de energia nuclear, a importância crítica de eliminar os perigos dessas

“O impacto devastador que a Covid-19 causou no mundo deverá levar para dentro de cada Estado, incluindo aqueles com armas nucleares ou dependentes de energia nuclear, a importância crítica de eliminar os perigos dessas armas, que são capazes de causar devastação em uma escala realmente inimaginável”

armas, que são capazes de causar devastação em uma escala realmente inimaginável.

Remover esse grave perigo que persiste desde a época da Guerra Fria está na essência tanto do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que entrou em vigor em 1970, quanto do TPAN, que entrou em vigor neste mês [janeiro de 2021]. O TNP clama aos países signatários que dediquem todos os esforços para impedir o perigo de uma guerra nuclear<sup>61</sup> e a devastação que isso causaria a toda a humanidade. Os dois tratados se complementam, oferecendo uma base dupla para pôr em ação esforços globais que deixem para trás as políticas de segurança dependentes de armas nucleares.

Aqui, gostaria de fazer duas propostas para a Conferência de Revisão do TNP, agendada para agosto deste ano: que seja realizada uma discussão sobre o verdadeiro significado de segurança à luz de crises como a mudança climática

e a pandemia; e que o documento final incluía o compromisso de não uso de armas nucleares e o compromisso de congelar todo o desenvolvimento de armas nucleares no processo que levará à Conferência de Revisão de 2025.

A Conferência de Revisão, originalmente agendada para 2020, foi de fato adiada devido à pandemia. Quando ela vier a ser realizada, exorto aos participantes que reflitam sobre como a população mundial ansiou por uma real proteção e segurança no curso do ano passado, e seriamente considerem se devem ou não manter e desenvolver armas nucleares como “precaução a alguns perigos não especificados”, em consistência com o espírito do TNP.

Em 1958, no contexto da crescente corrida armamentista da Guerra Fria, os Estados Unidos tinham um projeto secreto de detonar uma bomba termonuclear na superfície da Lua. O propósito desse feito era produzir um intenso clarão de luz que seria visto da Terra, assim demonstrando à União Soviética a superioridade do poderio nuclear norte-americano. Felizmente, o projeto foi logo abortado, e a Lua, poupada.<sup>62</sup> Esse plano de usar até a Lua para intimidação nuclear estava em curso, ao mesmo tempo em que, na Terra, os Estados Unidos e a União Soviética trabalhavam juntos para desenvolver e disponibilizar uma vacina para conter a epidemia da pólio.

Hoje, quando se espera que o mundo necessitará de vários anos ou mais para se recuperar totalmente dos danos causados pela Covid-19, os governos deveriam aplicar essa lição da história e questionar sinceramente o valor de continuar modernizando seus arsenais nucleares.

Recomendo veementemente que, na Conferência de Revisão do TNP em agosto, com base nos compromissos de não utilização de armas nucleares e o congelamento do desenvolvimento de armas nucleares, os Estados iniciem negociações multilaterais de boa-fé sobre o desarmamento o

mais rápido possível, cumprindo assim com suas obrigações de desarmamento nos termos do artigo 6 do TNP. Essas ações assegurarão que um progresso substancial seja feito antes da próxima Conferência de Revisão, em 2025.

O TPAN permite que Estados possuidores de armas nucleares se tornem membros ao concordarem em apresentar um plano de eliminação de seu programa nuclear.<sup>63</sup> Essa participação de Estados com armas nucleares ou dependentes de energia nuclear no TPAN seria facilitado por meio dos passos acima ressaltados sob o regime do TNP — proceder com negociações multilaterais sobre o desarmamento nuclear reforçadas pelo compromisso do não uso e do congelamento do desenvolvimento de armas nucleares. Exorto por esforços para vincular a operação desses dois tratados de forma a nos colocar no caminho do fim da era nuclear.

### **Reconstituir a vida em um mundo pós-Covid**

A terceira área à qual gostaria de oferecer propostas diz respeito à reconstrução das economias e das vidas afetadas pela Covid-19. A economia global tem sido repetidamente atingida por recessões severas, tendo como gatilho fatores tais como a instabilidade monetária, a flutuação nos preços da energia e as crises financeiras. O impacto da atual pandemia, no entanto, excede em muito o dano causado por esses eventos passados. De acordo com o Banco Mundial, a economia global está vivendo sua pior retração desde o fim da Segunda Guerra Mundial.<sup>64</sup> As empresas na maioria dos setores registraram quedas acentuadas nos ganhos, resultando em demissões em massa e na significativa diminuição da renda familiar.

A profundidade da atual crise econômica é tal que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) alerta que 1,6 bilhão de pessoas — quase a metade da mão de obra mundial — “sofreram



Organização Internacional do Trabalho alerta que quase metade da mão de obra mundial sofreu perdas em sua capacidade de ganhos

danos maciços em sua capacidade de ganhos” como resultado do surto da Covid-19.<sup>65</sup> Em resposta a isso, alguns governos adotaram medidas de emergência para prover algum auxílio, incluindo transferências financeiras, em um esforço para amenizar o impacto na população. Na mais recente Reunião dos Ministros do Trabalho e Emprego do G20, ocorrida em setembro do ano passado, os participantes compartilharam a visão de que a pandemia “reforçou a necessidade de fortes sistemas de proteção social para auxiliar todos os trabalhadores e suas famílias”.<sup>66</sup>

Um sistema de proteção social é um portfólio de intervenções que oferece assistência vital a indivíduos que estejam enfrentando dificuldades financeiras devido a questões de saúde, perda de trabalho ou outros eventos inesperados. O direito à seguridade social é estipulado em diversos instrumentos de direitos humanos, incluindo a

Declaração Universal dos Direitos Humanos.<sup>67</sup> Em resposta à crise financeira global que irrompeu em 2008, impactando um grande número de pessoas em termos de empregabilidade, saúde e educação, a ONU lançou em 2009 a Iniciativa do Piso de Proteção Social (PPS) para fortalecer a base da vida das pessoas.

Em minha *Proposta de Paz* de 2013, apoiei fortemente essa iniciativa, ao insistir que as condições de empregabilidade oferecidas aos jovens na época eram especialmente severas. Minha eterna convicção é que uma sociedade que priva os jovens de esperança não obterá sustentabilidade ou construirá uma cultura de direitos humanos. Por conseguinte, propus incorporar aos ODS, que estavam sendo discutidos na ONU, o objetivo de estabelecer um piso de proteção social em cada país, para assegurar que aqueles submetidos à extrema pobreza fossem capazes de resgatar sua dignidade.

## INICIATIVA DO PISO DE PROTEÇÃO SOCIAL

A ONU lançou a Iniciativa do Piso de Proteção Social (SPF-1, sigla em inglês) em 2009, como resposta à crise financeira global. Liderada por uma coalizão entre agências da ONU e parceiros de desenvolvimento, é um conjunto integrado de políticas sociais designadas a garantir acesso universal a um piso básico de proteção social oferecido por instituições públicas e civis. Por meio de uma abordagem que adequa o direcionamento de acordo com as circunstâncias e o nível de desenvolvimento de cada nação, a construção de pisos de proteção social pode prover uma renda de segurança e acesso a cuidados médicos essenciais para todos, contribuindo para a conquista dos ODS.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou que, apesar do significativo progresso conquistado por meio do trabalho com governos nacionais e levando em consideração o impacto da pandemia, cerca de 4 bilhões de pessoas (55% da população global) não estão cobertas por nenhum benefício de proteção social.

Embora um conteúdo equivalente tenha sido incorporado aos ODS,<sup>68</sup> a magnitude do choque econômico da Covid-19, ainda maior que o impacto da crise dos anos 2008-2009, lançou muitos milhões de pessoas à devastação financeira, incluindo aqueles que antes gozavam de uma vida estável. Isso trouxe para os países a

“A escala sem precedentes dessa crise significa que não é um desafio de curto prazo, mas requer esforços políticos contínuos pelos próximos meses e, provavelmente, anos. Faz-se necessária uma consideração cuidadosa sobre como programas de auxílio podem se tornar efetivos e o mais sustentável possível”

OCDE

urgência de fortalecer o acesso aos sistemas de proteção social, um objetivo também apoiado pelos 37 Estados-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).<sup>69</sup>

A declaração política da OCDE, “Apoio aos meios de subsistência durante a crise da Covid-19: fechando as brechas nas redes de segurança”, lançada em maio do ano passado, ressalta que essa prolongada adversidade está forçando trabalhadores a recorrer às suas economias, arriscando seu atual e futuro bem-estar. Também afirma:

A escala sem precedentes dessa crise significa que não é um desafio de curto prazo, mas requer esforços políticos contínuos pelos próximos meses e, provavelmente, anos. Faz-se necessária uma consideração cuidadosa sobre como programas de auxílio podem se tornar efetivos e o mais sustentável possível.<sup>70</sup>

Em 1948, o precursor da OCDE foi estabelecido para supervisionar o Plano Marshall, um programa norte-americano desenvolvido para fornecer ajuda a países europeus devastados pela Segunda Guerra Mundial. A OCDE é atualmente referida como o maior “banco de ideias” (*think tank*) do mundo, unindo especialistas de todo o globo para aprimorar padrões internacionais, incluindo os processos de avaliação interpares.<sup>71</sup> Recentemente, por atribuir maior ênfase em assegurar a implementação de suas propostas políticas, o grupo começou a se posicionar como um “banco de ideias e ações” (*think and do tank*), em tradução livre.<sup>72</sup>

Com isso em mente, espero que os membros da OCDE liderem os esforços para concretizar todos os objetivos dos ODS relacionados a assegurar as medidas universais de proteção social. Também desejo que eles trabalhem juntos para estabelecer e implementar padrões de política global para a reconstrução das economias e das formas de subsistência devastadas pela crise da Covid-19. Uma direção que isso poderia tomar seria o desenvolvimento de novas indústrias e a criação de oportunidades de trabalho por meio da rápida transição para uma economia verde, reduzindo gastos militares e alocando recursos economizados para fortalecer sistemas de proteção social.

Além disso, membros da OCDE têm papel significativo na implementação de políticas ambiciosas que aprimorem a resiliência social. Isso poderia incluir a construção de uma sustentabilidade regional por meio de formas de respostas à crise climática, promovendo redução de riscos de desastres e conservação ecológica, apoiando os sistemas de saúde e melhorando o ambiente de trabalho para os cuidadores, incluindo aqueles envolvidos com cuidados de enfermagem. Minha justificativa para citar tais áreas políticas sobrepostas é que vivemos em uma era em que precisamos adotar uma “abordagem de múltiplos riscos” abrangente e simultânea para ameaças e

“A fim de recuperar economias e a vida das pessoas no mundo pós-Covid, devemos priorizar a expansão do piso de proteção social e construir uma resiliência multidimensional. Países devem trabalhar juntos para criar uma sociedade global na qual cada pessoa possa viver em segurança e em paz de espírito”

desafios, com uma clara compreensão da natureza sistêmica do risco, assim como defendido pelo Escritório das Nações Unidas para Redução de Riscos de Desastres.<sup>73</sup>

A Cúpula das Nações Unidas sobre Biodiversidade, realizada em setembro do ano passado, confirmou que, se a atual deterioração do clima e do ecossistema global persistir, se espera que novas formas de doenças contagiosas apareçam.<sup>74</sup> Ao adotarmos uma abordagem de múltiplos riscos para lidar com as espirais de causas e consequências negativas, podemos transformá-las em seus equivalentes positivos. Por exemplo, esforços para mitigar as mudanças climáticas podem aprimorar as medidas de prevenção contra doenças infecciosas emergentes que, por sua vez, aumentam a resiliência aos desastres. De forma similar, o fortalecimento das medidas de prevenção de desastres e de redução de riscos, em conjunto com a conservação ecológica, ajudará a enfrentar os desafios impostos pelas mudanças





Vista de drone — queima de pastagem no período de seca no Brasil

climáticas. Esses são apenas alguns exemplos dos tão necessários esforços que precisamos fazer para transformar uma confluência de desafios em uma cascata de mudanças positivas.

A fim de recuperar economias e a vida das pessoas no mundo pós-Covid, devemos priorizar a expansão do piso de proteção social e construir uma resiliência multidimensional. Países devem trabalhar juntos para criar uma sociedade global na qual cada pessoa possa viver em segurança e em paz de espírito.

Em vez de abordar cada situação da crise de forma isolada, adotar abordagem abrangente que ofereça uma plataforma compartilhada torna possível desenvolver amplas possibilidades. Em seus comentários sobre a Cúpula de Biodiversidade, o secretário-geral da ONU, Guterres, identificou as seguintes prioridades:

Primeiro, soluções baseadas na natureza devem ser integradas à recuperação da Covid-19 e em planos de desenvolvimento mais amplos. A preservação da biodiversidade no mundo pode gerar os empregos e o crescimento econômico que precisamos hoje. O Fórum Econômico Mundial sinaliza que oportunidades de negócios emergentes relacionados à natureza podem criar 191 milhões de empregos em 2030. A Grande Muralha Verde, da África, criou, sozinha, 335 mil empregos.<sup>75</sup>

A Grande Muralha Verde (GGW), da África, é um projeto pan-africano para desenvolver um cinturão de vegetação de aproximadamente 15 km ao longo de cerca de 8 mil km da região do Sahel, ao extremo sul do deserto do Saara. Ela pretende regenerar variedades de plantas nativas e cultivar espaços agrícolas intercalados en-



Representantes do núcleo de Jovens da Soka Gakkai de 65 países e do Japão reúnem-se em intercâmbio (Japão, mar. 2018)

tre elas. Lançada em 2007 pela União Africana, essa iniciativa conseguiu restaurar 20 milhões de hectares de terra degradada.<sup>76</sup> Alguns resultados importantes desse movimento incluem a criação de empregos verdes em áreas relacionadas ao plantio de árvores e à agricultura; a mitigação da persistente insegurança alimentar devido à desertificação; e a estabilização das condições de saúde e de vida.<sup>77</sup> É esperado que a GGW, que apoia quinze dos dezessete ODS,<sup>78</sup> aumente a resiliência no Sahel, assim como evolua para uma iniciativa de desenvolvimento econômico que beneficie todas as pessoas da região.

Compartilhando da ambição épica de construir a maior estrutura viva do mundo — prevista para abranger 100 milhões de hectares em 2030 —, os países africanos envolvidos no projeto GGW

estão ampliando seus esforços para conquistar os objetivos inter-relacionados de recuperação econômica pós-Covid, concretizando os ODS e atingindo as metas do Acordo de Paris para redução das emissões de gases de efeito estufa. Esse empreendimento massivo é sustentado pela certeza de que trabalhar com a natureza, mesmo em lugares desafiadores como o Sahel, permite ultrapassar as dificuldades e construir um mundo melhor para o futuro.

Os países da OCDE e outros poderiam se engajar em projetos igualmente ambiciosos enquanto lidam e buscam superar a crise da Covid-19. De acordo com as previsões do Fórum Econômico Mundial, as oportunidades de negócios decorrentes de uma transição para sistemas socioeconômicos pró-natureza

“A flor de lótus desabrocha perfumada, imaculada pelas águas lamacentas das quais ela retira seu sustento. Isso ilustra que, por mais profundo que sejam o caos e a confusão da época, podemos nos recusar a permitir que isso nos oprima, permanecendo sempre fiéis a nós mesmos”

podem criar aproximadamente 400 milhões de novos empregos até 2030. Esses números incluem 191 milhões de trabalhos que podem ser criados nas áreas referentes à alimentação e ao uso das terras, em paralelo a transições tais como o desenvolvimento de uma infraestrutura eficiente em recursos e a expansão do uso de energia renovável.<sup>79</sup> Ampliar a melhoria da colaboração entre membros da OCDE com parceiros-chave no Brasil, na China, Índia, Indonésia e África do Sul, em esforços para reconstruir a economia mundial e garantir uma vida segura e protegida para todos, significaria um desenvolvimento altamente positivo.

A pandemia da Covid-19 apresenta um grande desafio para a Década de Ação das Nações Unidas para cumprir os ODS, lançada ano passado. No entanto, estou seguro de que a humanidade possui a habilidade para transformar os desafios em energia de criação de valor positivo. Isso fica evidente no exemplo dos povos da África, que se uniram em esforços conjuntos e contínuos para restaurar terras degradadas, adornando o planeta com uma nova e extensa faixa verde.

Soka significa “criação de valor” e personifica nosso compromisso, enquanto Soka Gakkai, de criar uma sociedade cujos princípios orientadores são a busca pela felicidade de si e dos outros ao possibilitar a máxima expressão da capacidade humana de gerar valor.

Descrevendo o dinamismo da criação de valor, Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944), primeiro presidente da Soka Gakkai, comparou-o a uma “flor de lótus em uma água lamacenta”, uma imagem encontrada no Sutra do Lótus.<sup>80</sup> A flor de lótus desabrocha perfumada, imaculada pelas águas lamacentas das quais ela retira seu sustento. Isso ilustra que, por mais profundo que sejam o caos e a confusão da época, podemos nos recusar a permitir que isso nos oprima, permanecendo sempre fiéis a nós mesmos. O poder ilimitado da criação de valor, que é intrínseco à vida, possibilita que cada um de nós transforme nossas circunstâncias em um palco no qual podemos viver nossa missão única, transmitindo esperança e segurança para todos ao redor.

O termo japonês “Soka” surgiu de um diálogo entre mestre e discípulo — Tsunesaburo Makiguchi e Josei Toda —, em 1930. Desde seu início, sob a liderança desses dois presidentes fundadores, a Soka Gakkai se desenvolveu como um movimento popular dedicado à felicidade de si e dos outros, que hoje se estende por 192 países e territórios. O ano visado pela Década de Ação da ONU para entregar os ODS (2030) coincide com nosso centenário.

Valendo-nos da rede de relações colaborativas que desenvolvemos até o momento, como parte da sociedade civil, estamos sinceramente comprometidos em um trabalho conjunto, visando 2030, com pessoas e organizações com os mesmos ideais, a fim de acelerar a concretização dos ODS e construir uma sociedade global de paz e de “valores humanos”.

## Notas

1. Veja OMS. WHO Coronavirus Disease (Covid-19) Dashboard [Painel da OMS sobre a Doença do Coronavírus (Covid-19)].
2. Veja UNDRR. *Human Cost of Disasters* [Custo Humano dos Desastres], p. 6.
3. CHANCELER FEDERAL. An Address to the Nation [Discurso à Nação].
4. Veja SOKA GAKKAI. Soka Institute to Plant One Amazonian Tree for Each Brazilian COVID-19 Victim [Instituto Soka Amazônica Plantará uma Árvore Nativa da Amazônia para Cada Brasileiro Vítima da Covid-19].
5. Veja ONU Mulheres. The Shadow Pandemic [A Sombra da Pandemia].
6. Veja KERKHOVE. WHO Emergency Press Conference [Coletiva de Imprensa de Emergência da OMS], p. 6.
7. UN NEWS CENTRE. Our “New Normal” Requires Human Contact [Nosso “Novo Normal” Requer Contato Humano].
8. GUTERRES. The World of Work [O Mundo do Trabalho].
9. UNICEF. Fact Sheet: Lack of Handwashing with Soap [Ficha Técnica: Falta de Higienização das Mãos com Sabão].
10. Veja ELIADE. *A History of Religious Ideas* [A História das Ideias Religiosas], v. 2, p. 50-51.
11. NICHIREN. *The Writings of Nichiren Daishonin* [Os Escritos de Nichiren Daishonin], v. II, p. 920.
12. *Ibidem*, p. 768-769.
13. NICHIREN. *Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin*, v. I, p. 560.
14. (tradução de) TODA. *Toda Josei Zenshu* [Obras Completas de Josei Toda], v. 3, p. 290.
15. UNDRR. Biggest Risk Driver of All [O Maior Fator de Risco].
16. TOYNBEE. *Change and Habit* [Mudança e Hábito] p. 3.
17. OMS. COVID-19 Response [Resposta à Covid-19], p. 3.
18. GAVI. Japan Pledges US\$ 130 Million [Japão se Compromete a Doar US\$ 130 Milhões].
19. GLOBAL FUND. *The Global Fund Results Report 2020* [Relatório de Resultados do Fundo Global], p. 11.
20. Veja KAUL. Governing Global Public Goods [Administrando Bens Públicos Globais], p. 299-300.
21. OMS. WHO and Partners Call for Urgent Investment in Nurses [OMS e Parceiros Clamam por Investimentos Urgentes em Enfermarias].
22. ACNUR. Refugee Tailors Switch to Making Face Masks and Protective Gear [Alfaiates Refugiados Passam a Fabricar Máscaras Faciais e Equipamentos de Proteção].
23. *Ibidem*.
24. Veja GHEBREYESUS. WHO Director-General’s Opening Remarks [Observações Iniciais do Diretor-Geral da OMS].
25. OMS. Africa Eradicates Wild Poliovirus [África Erradica Vírus Selvagem da Poliomelite].
26. LOWN. *Prescription for Survival* [Receita para a Sobrevivência], p. 71-72.
27. TOYNBEE. *Civilization on Trial* [Civilização em Julgamento], p. 213.
28. OHCHR. Coronavirus: Human Rights Need to be Front and Centre [Coronavírus: Direitos Humanos Precisam Estar à Frente e ao Centro].
29. BACHELET. Leadership Dialogue Series [Série de Diálogos da Liderança].
30. Veja NUSSBAUM. *Hiding from Humanity* [Ocultados da Humanidade], p. 110.
31. *Ibidem*, p. 166.
32. *Ibidem*, p. 171.
33. *Ibidem*, p. 105.
34. BODHI, trad. *The Connected Discourses of the Buddha* [Os Discursos Compilados do Buda], p. 171.
35. Veja SGI. Transforming Lives: The Power of Human Rights Education [Transformando Vidas: O Poder da Educação em Direitos Humanos].
36. Veja HUMAN RIGHTS EDUCATION. Transforming Lives [Transformando Vidas].
37. NGO Working Group on Human Rights Education and Learning [Grupo de Trabalho das Organizações Não Governamentais sobre Educação e Aprendizagem em Direitos Humanos]. The Implementation of the Plan of Action and COVID-19 [A Implementação do Plano de Ação e a Covid-19].
38. PRÊMIO NOBEL. The Nobel Peace Prize for 2020 [Prêmio Nobel da Paz de 2020].
39. UNICEF. UNICEF to Stockpile over Half a Billion Syringes [Unicef estocará mais de meio bilhão de seringas].
40. ONU. *The Future We Want* [O Futuro que Desejamos], p. 8.
41. *Ibidem*, p. 41.
42. UN GA. Report of the Secretary-General on the Work of the Organization [Relatório do Secretário-Geral sobre o trabalho da Organização], p. 27-28.
43. Veja UN GA. Provisional Verbatim Record of the Thirty-Third Meeting [Transcrição Integral Preliminar da Trigésima Terceira Reunião], p. 7.
44. Veja GUTERRES. Address to the Opening of the General Debate [Discurso para a Abertura do Debate Geral].
45. BOZKIR. 31st United Nations General Assembly Special Session [Sessão Especial da 31ª Assembleia Geral das Nações Unidas].
46. THURLOW. The TPNW—A Game Changer in Nuclear Disarmament [TPAN — Divisor de Águas no Desarmamento Nuclear].
47. TODA. Declaration Calling for the Abolition of Nuclear Weapons [Declaração pela Abolição das Armas Nucleares].
48. Veja ICAN. First Committee Reaffirms Support for the Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons [Primeiro Comitê Reafirma Apoio ao Tratado de Proibição das Armas Nucleares].
49. Veja ONU. *The Future We Want* [O Futuro que Desejamos], p. 126-27.
50. Veja CICV. *Millennials on War* [A Guerra da Perspectiva dos Mileniais], p. 15.
51. UN GA. Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons [Tratado de Proibição das Armas Nucleares], artigo 8.
52. Veja IKEDA e ROTBLAT. *A Quest for Global Peace* [A Busca pela Paz Mundial], p. 45.
53. *Ibidem*, p. 46.
54. ROTBLAT. Remember Your Humanity [Recorde-se de sua Humanidade].
55. Veja IKEDA e ROTBLAT. *A Quest for Global Peace* [A Busca pela Paz Mundial], p. 25-26.
56. UN GA. Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons [Tratado de Proibição das Armas Nucleares], Preâmbulo.
57. Veja IAEA. IAEA Assistance for the Rapid Detection and Management of COVID-19 [Assistência para a Rápida Detecção e Gerenciamento da Covid-19].
58. IAEA. IAEA Project to Help Countries Combat COVID-19 [Projeto da IAEA para Ajudar Países a Combater a Covid-19].
59. OPCW. OPCW by the Numbers [A OPCW em Números].
60. FEDERAL MINISTRY for Europe, Integration and Foreign Affairs, Republic of Austria [Ministério Federal da Europa, Integração e Relações Exteriores da República da Áustria]. *Vienna Conference* [Conferência de Viena], p. 2.
61. UN GA. Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons (NPT) [Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP)].
62. RAUF. Looking Back [Olhando para Trás].
63. Veja UN GA. Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons [Tratado de Proibição das Armas Nucleares], artigo 4.
64. Veja BANCO MUNDIAL. *Global Economic Prospects* [Perspectivas Econômicas Globais], p. 149.
65. OIT. ILO: As Job Losses Escalate [OIT: Perda de Empregos Aumenta].
66. MHLW. G20 Labour and Employment Ministers [Ministros do Trabalho e Emprego do G20], p. 2.
67. Veja ONU. Universal Declaration of Human Rights [Declaração Universal dos Direitos Humanos], artigo 22.
68. Veja UN GA. Resolution Adopted by the General Assembly on 25 September 2015 [Resolução Adotada pela Assembleia Geral em 25 de Setembro de 2015].
69. Veja OCDE. Supporting Livelihoods during the COVID-19 Crisis [Apoio aos Meios de Subsistência Durante a Crise da Covid-19].
70. *Ibidem*.
71. OCDE. The OECD’s Peer Review Process [Processo de Revisão Paritária da OCDE].
72. DE MEYER. *L’OCDE, le « think and do » tank de Paris* [A OCDE, o “banco de ideias e de ações” de Paris].
73. UNDRR. Biggest Risk Driver of All [O Maior Fator de Risco].
74. Veja UN GA. United Nations Summit on Biodiversity [Cúpula das Nações Unidas sobre Biodiversidade].
75. GUTERRES. Remarks to United Nations Biodiversity Summit [Considerações à Cúpula das Nações Unidas sobre Biodiversidade].
76. RURAL 21. The Great Green Wall Implementation Status [Status de Implementação da Grande Muralha Verde].
77. UNCCD. The Great Green Wall Initiative [A Iniciativa da Grande Muralha Verde].
78. GRANDE MURALHA VERDE. 2030 Ambition [Aspiração para 2030].
79. Veja FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. *New Nature Economy Report II* [2º Relatório sobre a Nova Economia da Natureza], p. 11.
80. (Tradução de) MAKIGUCHI. *Makiguchi Tsunesaburo Zenshu* [Obras Completas de Tsunesaburo Makiguchi], v. 10, p. 22.

## Bibliografia

- ACNUR (Agência da ONU para Refugiados). *Refugee Tailors Switch to Making Face Masks and Protective Gear* [Alfaiates Refugiados Passam a Fabricar Máscaras Faciais e Equipamentos de Proteção]. 27 abr. 2020. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/stories/2020/4/5ea6a2854/refugee-tailors-switch-making-face-masks-protective-gear.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- BACHELET, Michelle. *Leadership Dialogue Series of the Brookings Center for Universal Education and the World Bank Education during the COVID-19 Pandemic* [Série de Diálogos da Liderança do Centro de Brookings para a Educação Universal e Educação do Banco Mundial Durante a Pandemia da Covid-19]. 21 set. 2020. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/Pages/NewsDetail.aspx?NewsID=26267&LangID=E>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- BANCO MUNDIAL. *Global Economic Prospects, January 2021* [Perspectivas Econômicas Globais, jan. 2021]. 2021. Washington, DC: World Bank. doi: 10.1596/978-1-4648-1612-3.
- BODHI, Bhikkhu (trad.) *The Connected Discourses of the Buddha: A New Translation of the Samyutta Nikaya* [Os Discursos Compilados do Buda: Nova Tradução do Samyutta Nikaya]. Boston: Wisdom Publications, 2000.
- BOZKIR, Volkan. *31st United Nations General Assembly Special Session on the Coronavirus Disease (COVID-19) Pandemic* [Sessão Especial da 31ª Assembleia Geral das Nações Unidas sobre a Doença do Coronavírus (Covid-19)]. Declaração na íntegra. 3 dez. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/pga/75/2020/12/03/31st-united-nations-general-assembly-special-session-on-the-coronavirus-disease-covid-19-pandemic/>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- CICV (Comitê Internacional da Cruz Vermelha). *Millennials on War* [A Guerra da Perspectiva dos Mileniais]. Jan. 2020. Disponível em: [https://www.icrc.org/sites/default/files/campaign/field\\_file/icrc-millennials-on-war\\_report.pdf](https://www.icrc.org/sites/default/files/campaign/field_file/icrc-millennials-on-war_report.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.
- ELIADE, Mircea. *A History of Religious Ideas. Volume 2: From Gautama Buddha to the Triumph of Christianity* [A História das Ideias Religiosas. Volume 2: Do Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo]. Tradução: Willard R. Trask. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1982.
- THE FEDERAL Chancellor (of Germany). *An Address to the Nation by Federal Chancellor Merkel* [Discurso à Nação pela Chanceler Federal Merkel]. 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bundeskanzlerin.de/bkin-en/news/statement-chancellor-1732302>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- FEDERAL MINISTRY for Europe, Integration and Foreign Affairs, Republic of Austria [Ministério Federal da Europa, Integração e Relações Exteriores da República da Áustria]. *Vienna Conference on the Humanitarian Impact of Nuclear Weapons, 8-9 December 2014* [Conferência de Viena sobre o Impacto Humanitário de Armas Nucleares, 8-9 dez. 2014]. Relatório da Conferência. 2015. Disponível em: [https://www.bmeia.gv.at/fileadmin/user\\_upload/Zentrale/Aussenpolitik/Abrestung/HINW14/ViennaConference\\_BMEIA\\_Web\\_final.pdf](https://www.bmeia.gv.at/fileadmin/user_upload/Zentrale/Aussenpolitik/Abrestung/HINW14/ViennaConference_BMEIA_Web_final.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.
- FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL. *New Nature Economy Report II: The Future of Nature and Business* [2º Relatório sobre a Nova Economia da Natureza: O Futuro da Natureza e dos Negócios]. 2020. Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_The\\_Future\\_of\\_Nature\\_And\\_Business\\_2020.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_The_Future_of_Nature_And_Business_2020.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.
- FUNDO GLOBAL. *The Global Fund Results Report 2020* [Relatório de Resultados do Fundo Global em 2020]. 2020. Disponível em: [https://www.theglobalfund.org/media/10103/corporate\\_2020resultsreport\\_report\\_en.pdf](https://www.theglobalfund.org/media/10103/corporate_2020resultsreport_report_en.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.
- GAVI. *Japan Pledges US\$ 130 Million to Support Global Access to COVID-19 Vaccines* [Japão se Compromete a Doar US\$ 130 Milhões em Apoio ao Acesso Global a Vacinas Contra a Covid-19]. 8 out. 2020. Disponível em: <https://www.gavi.org/news/media-room/japan-pledges-us-130-million-support-global-access-covid-19-vaccines>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- GHEBREYESUS, Tedros A. *WHO Director-General's Opening Remarks at the Media Briefing on COVID-19* [Considerações de Abertura do Diretor-Geral da OMS na Coletiva de Imprensa sobre a Covid-19]. 21 ago. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---21-august-2020>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- GRANDE MURALHA VERDE. *2030 Ambition* [Aspiração para 2030]. Disponível em: <https://www.greatgreenwall.org/2030ambition>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- GUTERRES, António. *Address to the Opening of the General Debate of the 75th Session of the General Assembly* [Discurso para a Abertura do Debate Geral da 75ª Sessão da Assembleia Geral]. 22 set. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2020-09-22/address-the-opening-of-the-general-debate-of-the-75th-session-of-the-general-assembly>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- \_\_\_\_\_. *Remarks to United Nations Biodiversity Summit* [Considerações à Cúpula das Nações Unidas sobre Biodiversidade]. 30 set. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2020-09-30/remarks-united-nations-biodiversity-summit>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- \_\_\_\_\_. *The World of Work Cannot and Should Not Look the Same after this Crisis* [O Mundo do Trabalho Não Poderá Nem Deverá Ser o Mesmo Após a Crise]. Declaração. Launch of UN Policy Brief on COVID-19 and the World of Work [Lançamento do Sumário de Políticas das Nações Unidas sobre a Covid-19 e o Mundo do Trabalho]. 18 jun. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/en/coronavirus/world-work-cannot-and-should-not-look-same-after-crisis>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- HUMAN Rights Education Open Web Resource [Educação em direitos humanos: recurso aberto da web]. *Transforming Lives: The Power of Human Rights Education* [Transformando Vidas: O Poder da Educação em Direitos Humanos]. Co-organized by Soka Gakkai International, HRE 2020, the NGO Working Group on Human Rights Education and Learning and the Platform for Human Rights Education and Training [Coorganizada pela Soka Gakkai Internacional, HRE 2020, Grupo de Trabalho das Organizações Não Governamentais sobre Educação e Aprendizado em Direitos Humanos]. Disponível em: <https://www.power-human-rights-education.org/>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- IAEA (Agência Internacional de Energia Atômica). *IAEA Assistance for the Rapid Detection and Management of COVID-19* [Assistência para a Rápida Detecção e Gerenciamento da Covid-19]. 2020. Disponível em: <https://www.iaea.org/topics/covid-19/iaea-assistance-for-the-rapid-detection-and-management-of-covid-19>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- \_\_\_\_\_. *IAEA Project to Help Countries Combat COVID-19 Draws 22 Million in Funding* [Projeto da IAEA para Ajudar Países a Combater a Covid-19 Arrecada 22 Milhões de Euros em Financiamento]. 11 maio 2020. Disponível em: <https://www.iaea.org/newscenter/pressreleases/iaea-project-to-help-countries-combat-covid-19-draws-eu22-million-in-funding>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- ICAN (Campanha Internacional pela Abolição das Armas Nucleares). *First Committee Reaffirms Support for the Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Primeiro Comitê Reafirma Apoio ao Tratado de Proibição das Armas Nucleares]. 2020. Disponível em: <https://www.icanw.org/first-committee-reaffirms-support-for-the-treaty-on-the-prohibition-of-nuclear-weapons>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- IKEDA, Daisaku; ROTBLAT, Joseph. *A Quest for Global Peace: Rotblat and Ikeda on War, Ethics and the Nuclear Threat* [A Busca pela Paz Mundial: Diálogo de Rotblat e Ikeda sobre Guerra, Ética e Ameaça Nuclear]. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2006.
- KAUL, Inge. *Governing Global Public Goods in a Multi-Actor World: The Role of the United Nations*. In: *New Millennium, New Perspectives: The United Nations, Security, and Governance* [Administando Bens Públicos Globais em Um Mundo de Múltiplos Atores: O Papel das Nações Unidas]. [Novo Milênio, Amplas Perspectivas: A Segurança e Governança das Nações Unidas]. THAKUR, Ramesh; NEWMAN, Edward (eds.). Tóquio, Nova York e Paris: United Nations University Press, 2000.
- KERKHOVE, Maria Van. *WHO Emergency Press Conference on Coronavirus Disease Outbreak* [Coletiva de Imprensa de Emergência da OMS sobre o Surto da Doença do Coronavírus]. Transcrição. 20 mar. 2020. Disponível em: [https://www.who.int/docs/default-source/coronavirus/transcripts/who-audio-emergencies-coronavirus-press-conference-full-20mar2020.pdf?sfvrsn=1eafbf0\\_0](https://www.who.int/docs/default-source/coronavirus/transcripts/who-audio-emergencies-coronavirus-press-conference-full-20mar2020.pdf?sfvrsn=1eafbf0_0). Acesso em: 26 jan. 2021.
- LOWN, Bernard. *Prescription for Survival: A Doctor's Journey to End Nuclear Madness* [Receita para a Sobrevivência: A Jornada de um Médico para Findar a Loucura Nuclear]. São Francisco: Berrett-Koehler Publishers, Inc, 2008.
- MAKIGUCHI, Tsunesaburo. *Makiguchi Tsunesaburo Zenshu* [Obras Completas de Tsunesaburo Makiguchi]. 10 v. Tóquio: Daisanbunmei-sha, 1981-1997.
- DE MEYER, Karl. *L'OCDE, le « think and do » tank de Paris* [A OCDE, o "banco de ideias e de ações" de Paris]. Les Echos. 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.lesechos.fr/weekend/business-story/locde-le-think-and-do-tank-de-paris-1213976>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- MHLW (Ministério da Saúde, do Trabalho e do Bem-estar) (do Japão). *G20 Labour and Employment Ministers: Ministerial Declaration* [Ministros do Trabalho e Emprego do G20: Declaração Ministerial]. 10 set. 2020. Disponível em: <https://www.mhlw.go.jp/content/000675294.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- NGO Working Group on Human Rights Education and Learning [Grupo de Trabalho das Organizações Não Governamentais sobre Educação e Aprendizado em Direitos Humanos]. *The Implementation of the Plan of Action and COVID-19*. Joint statement for Human Rights Council 45th session [A Implementação do Plano de Ação e a Covid-19. Declaração Conjunta para o Conselho de Direitos Humanos]. 24 set. 2020. Disponível em: <https://ngowghrel.files.wordpress.com/2020/10/oral-statement-hrc-45th-session-7.docx>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- NICHIREN. *Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin*. São Paulo: Brasil Seikyo, v. I, p. 560, 2020.
- \_\_\_\_\_. *The Writings of Nichiren Daishonin* [Os Escritos de Nichiren Daishonin]. 2 v. Tradução: The Goshō Translation Committee (ed.). Tóquio: Soka Gakkai, 1999-2006.
- NUSSBAUM, Martha C. *Hiding from Humanity: Disgust, Shame, and the Law* [Ocultados da Humanidade: Aversão, Vergonha e a Lei]. New Jersey: Princeton University Press, 2004.
- OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). *The OECD's Peer*

Continuação da pág. 53.

Review Process: A Tool for Co-operation and Change [Processo de Revisão Paritária da OCDE: Ferramenta para Cooperação e Mudança]. Disponível em: <https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/9789264099210-en-fr.pdf?expires=1617115747&id=id&accname=guest&checksum=F5C4971E82FFCB4153E55EFB80C6E27A>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Supporting Livelihoods during the COVID-19 Crisis: Closing the Gaps in Safety Nets* [Apoio aos Meios de Subsistência Durante a Crise da Covid-19: Fechando as Brechas nas Redes de Segurança]. 20 maio 2020. Disponível em: [https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=132\\_132985-hrr3dbjmj&title=Supporting-livelihoods-during-the-COVID-19-crisis%20oe.cd/il/30z](https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=132_132985-hrr3dbjmj&title=Supporting-livelihoods-during-the-COVID-19-crisis%20oe.cd/il/30z). Acesso em: 26 jan. 2021.

OHCHR (Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas pelos Direitos Humanos). *Coronavirus: Human Rights Need to be Front and Centre in Response, Says Bachelet* [Coronavírus: Direitos Humanos Precisam Estar à Frente e ao Centro do Combate, Afirma Bachelet]. 6 mar. 2020. Disponível em: <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=25668>. Acesso em: 26 jan. 2021.

OIT (Organização Internacional do Trabalho). *ILO: As Job Losses Escalate, Nearly Half of Global Workforce at Risk of Losing Livelihoods* [OIT: Perda de Empregos Aumenta e Quase Metade da Força de Trabalho Global Corre o Risco de Perder os Meios de Subsistência]. Press release. 29 abr. 2020. Disponível em: [https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS\\_743036/lang-en/index.htm](https://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_743036/lang-en/index.htm). Acesso em: 26 jan. 2021.

OMS (Organização Mundial da Saúde). *Africa Eradicates Wild Poliovirus* [África Erradica Vírus Selvagem da Poliomielite]. 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.afro.who.int/news/africa-eradicates-wild-poliovirus>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *WHA73.1. COVID-19 Response* [Resposta à Covid-19]. 19 maio 2020. Disponível em: [https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf\\_files/WHA73/A73\\_R1-en.pdf](https://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA73/A73_R1-en.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard* [Painel da OMS sobre a Doença do Coronavírus (Covid-19)]. 25 jan. 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *WHO and Partners Call for Urgent Investment in Nurses* [OMS e Parceiros Clamam por Investimentos Urgentes em Enfermarias]. 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/07-04-2020-who-and-partners-call-for-urgent-investment-in-nurses>. Acesso em: 26 jan. 2021.

ONU (Organização das Nações Unidas). GA (Assembleia Geral). *A/41/PV.33. Provisional Verbatim Record of the Thirty-Third Meeting. Forty-first session* [Transcrição Integral Preliminar da Trigésima Terceira Reunião. 41ª Sessão]. 13 out. 1986. Disponível em: <https://undocs.org/en/A/41/PV.33>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *A/CONF.229/2017/8. Treaty on the Prohibition of Nuclear Weapons* [Tratado de Proibição das Armas Nucleares]. 7 jul. 2017. Disponível em: <https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/N17/209/73/PDF/N1720973.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *A/RES/70/1. Resolution Adopted by the General Assembly on 25 September 2015* [Resolução Adotada pela Assembleia Geral em 25 de Setembro de 2015]. 21 out. 2015. Disponível em: [https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/70/1&Lang=E). Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *A/RES/2373(XXII). Treaty on the Non-Proliferation of Nuclear Weapons*. Adopted by the General Assembly [Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares. Adotado pela Assembleia Geral]. 12 jun. 1968. Disponível em: [http://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=a/res/2373\(xxii\)](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=a/res/2373(xxii)). Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Report of the Secretary-General on the Work of the Organization*. [Relatório do Secretário-Geral sobre o trabalho da Organização]. In: *Yearbook of the United Nations 1988, Volume 42* [Livro do Ano 1988 das Nações Unidas, v. 42]. 14 set. 1988. Disponível em: [https://unyearbook.un.org/sites/unyearbook.un.org/files/1988\\_New\\_Yearbook\\_Express\\_EN.pdf](https://unyearbook.un.org/sites/unyearbook.un.org/files/1988_New_Yearbook_Express_EN.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *United Nations Summit on Biodiversity* [Cúpula das Nações Unidas sobre Biodiversidade]. 2020. Disponível em: <https://www.un.org/pga/75/united-nations-summit-on-biodiversity/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *The Future We Want, The United Nations We Need*. UN75 Update Report [O Futuro que Desejamos, As Nações Unidas que Precisamos]. Set. 2020. Disponível em: [https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un75report\\_september\\_final\\_english.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un75report_september_final_english.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *New Center. Our "New Normal" Requires Human Contact, UN Chief Tells Youth Webinar on Mental Health* [Nosso "Novo Normal" Requer Contato Humano, Afirma Líder da ONU em Reunião Virtual de Jovens sobre Saúde Mental]. News Centre: 15 jul. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2020/07/1068421>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Universal Declaration of Human Rights* [Declaração Universal dos Direitos Humanos]. 1948. Disponível em: [http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/eng.pdf](http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/eng.pdf). Acesso em: 26 jan. 2021.

ONU MULHERES. *The Shadow Pandemic: Violence against Women during COVID-19* [A Sombra da Pandemia: Violência Contra Mulheres Durante a Pandemia da Covid-19]. 27 maio 2020. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/news/in-focus/in-focus-gender-equality-in-covid-19-response/violence-against-women-during-covid-19>. Acesso em: 26 jan. 2021.

OPCW (Organização para a Proibição de Armas Químicas). *OPCW by the Numbers* [A OPCW em Números]. Disponível em: <https://www.opcw.org/media-centre/opcw-numbers>. Acesso em: 26 jan. 2021.

PRÊMIO NOBEL. *The Nobel Peace Prize for 2020* [Prêmio Nobel da Paz de 2020]. Press release. 9 out. 2020. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/2020/press-release/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

RAUF, Tariq. *Looking Back at the Hiroshima and Nagasaki Nuclear Attacks on 75th Anniversary* [Olhando para Trás no 75º Aniversário dos Ataques Nucleares de Hiroshima e Nagasaki]. IDN-InDepth News. 6 ago. 2020. Disponível em: <https://www.nuclearabolition.info/index.php/1837-looking-back-at-the-hiroshima-and-nagasaki-nuclear-attacks-on-75th-anniversary>. Acesso em: 26 jan. 2021.

ROTBLAT, Joseph. *Remember Your Humanity*. Nobel Peace Prize Acceptance Speech [Recorde-se de sua Humanidade. Discurso de Aceitação do Prêmio Nobel da Paz]. 10 dez. 1995. Disponível em: <https://pugwashgroup.ca/nobel-peace-prize2/>. Acesso em: 26 jan. 2021.

RURAL 21. *The Great Green Wall Implementation Status and Way Ahead to 2030* [Status de Implementação da Grande Muralha Verde e o Caminho a Seguir até 2030]. 16 set. 2020. Disponível em: [https://www.rural21.com/english/news/detail/article/the-great-green-wall-implementation-status-and-way-ahead-to-2030.html?no\\_cache=1](https://www.rural21.com/english/news/detail/article/the-great-green-wall-implementation-status-and-way-ahead-to-2030.html?no_cache=1). Acesso em: 26 jan. 2021.

SGI (Soka Gakkai Internacional). *Transforming Lives: The Power of Human Rights Education* [Transformando Vidas: O Poder da Educação em Direitos Humanos]. Mar. 2017. Disponível em: <https://www.sokaglobal.org/resources/global-issues/resources/human-rights-education-and-humanitarian-relief/the-power-of-human-rights-education-exhibition.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SOKA GAKKAI. *Soka Institute to Plant One Amazonian Tree for Each Brazilian COVID-19 Victim* [Instituto Soka Amazônia Plantará uma Árvore Nativa da Amazônia para Cada Brasileiro Vítima da Covid-19]. 25 set. 2020. Disponível em: <https://www.sokaglobal.org/contact-us/media-room/press-releases/soka-institute-amazonian-trees-for-covid-initiative.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.

THURLLOW, Setsuko. *The TPNW—A Game Changer in Nuclear Disarmament* [TPAN — Divisor de Águas no Desarmamento Nuclear]. Declaração. 2020. Disponível em: [https://www.icanw.org/setsuko\\_thurlow\\_statement\\_on\\_tpnw\\_entry\\_into\\_force](https://www.icanw.org/setsuko_thurlow_statement_on_tpnw_entry_into_force). Acesso em: 26 jan. 2021.

TODA, Josei. *Declaration Calling for the Abolition of Nuclear Weapons* [Declaração pela Abolição das Armas Nucleares]. 8 set. 1957. Disponível em: <https://www.joseitoda.org/vision/declaration/read.html>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Toda Josei Zenshu* [Obras Completas de Josei Toda]. 9 v. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1990.

TOYNBEE, Arnold J. *Change and Habit: The Challenge of Our Time* [Mudança e Hábito: O Desafio de Nossa Época]. Londres: Oxford University Press, 1966.

\_\_\_\_\_. *Civilization on Trial* [Civilização em Julgamento]. Nova York: Oxford University Press, 1948.

UNCCD (Convenção das Nações Unidas para o Combate à Desertificação). *The Great Green Wall Initiative* [A Iniciativa da Grande Muralha Verde]. Disponível em: <https://www.unccd.int/actions/great-green-wall-initiative>. Acesso em: 26 jan. 2021.

UNDRR (Escritório das Nações Unidas para a Redução de Riscos de Desastres). *Biggest Risk Driver of All is Bad Governance* [O Maior Fator de Risco é a Má Administração]. Declaração de Denis McClean. 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.undrr.org/news/biggest-risk-driver-all-bad-governance>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Human Cost of Disasters: An Overview of the Last 20 Years (2000-2019)* [Custo Humano dos Desastres: Panorama dos Últimos 20 Anos]. 13 out. 2020. Disponível em: <https://www.undrr.org/sites/default/files/inline-files/Human%20Cost%20of%20Disasters%202000-2019%20FINAL.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2021.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). *FACT SHEET: Lack of Handwashing with Soap Puts Millions at Increased Risk to COVID-19 and Other Infectious Diseases* [Ficha Técnica: Falta de Higiênização das Mãos com Sabão Lança Milhões ao Risco Crescente do Contágio por Covid-19 e Outras Doenças Infecciosas]. Press release. 15 out. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/press-releases/fact-sheet-lack-handwashing-soap-puts-millions-increased-risk-covid-19-and-other>. Acesso em: 26 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *UNICEF to Stockpile over Half a Billion Syringes by Year End, as Part of Efforts to Prepare for Eventual COVID-19 Vaccinations* [Unicef Estocará Mais de Meio Bilhão de Seringas Até o Fim do Ano, como Parte dos Esforços para Futura Vacinação Contra a Covid-19]. Press release. 19 out. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/press-releases/unicef-stockpile-over-half-billion-syringes-year-end-part-efforts-prepare-eventual>. Acesso em: 26 jan. 2021.



